

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

DEPARTAMENTO DE ECONOMIA

MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

A DESVALORIZAÇÃO DO REAL E AS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS

“ Declaro que o presente trabalho é de minha autoria e que não recorri para realizá-lo, a nenhuma forma de ajuda externa, exceto quando autorizado pelo professor tutor”.

Erick P. H. da Costa Guedes

Número de Matrícula: 9520184

Orientador: Afonso S. Bevilaqua

Novembro de 1999

“As opiniões expressas neste trabalho são de responsabilidade única e exclusiva do autor”.

O presente trabalho exigiu de minha parte bastante empenho em sua elaboração, onde pude demonstrar os conhecimentos acadêmicos que adquiri. Sou grato ao conjunto de professores do Departamento de Economia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, que em tanto contribuíram em minha formação econômica, em especial ao Professor Afonso Bevilaqua, cuja participação foi essencial no decorrer deste trabalho.

Dedico este trabalho aos meu familiares que me proporcionaram a formação pessoal que tenho hoje, e a Gisela Sampaio da Cruz.

ÍNDICE

I. INTRODUÇÃO.....	05
II. DETERMINANTES DAS EXPORTAÇÕES.....	08
III. BRASIL NOS ANOS 90: DA ABERTURA COMERCIAL À MAXIDESVALORIZAÇÃO.....	13
IV. O EFEITO DOS PREÇOS NAS EXPORTAÇÕES: SIMULAÇÕES:	
IV.1. O ANO DE 1999.....	25
IV.2. COMPARAÇÃO COM 1983.....	41
V. PERSPECTIVAS PARA A BALANÇA COMERCIAL NO ANO 2000.....	53
VI. CONCLUSÕES.....	65
VII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	68

I. INTRODUÇÃO

Desde sua implementação, o Plano Real obteve êxito no combate à inflação, um dos grandes males que assolava o país. Para tal, o real sofreu uma apreciação num estágio inicial, seguido de sucessivas minidesvalorizações, num contexto estável. Com a Crise Asiática e posteriormente a Crise Russa, o Brasil perdeu elevado montante de divisas. Medidas preventivas à uma crise iminente foram tomadas sem sucesso e em janeiro de 1999 o regime cambial foi alterado, resultando numa maxidesvalorização.

Durante o período de estabilidade, o país esteve sujeito a déficits em conta corrente crescentes, fazendo-se necessário a atração de capitais externos. Um dos fatores que contribuíram para tais déficits, foi o saldo negativo da balança comercial, explicado em grande parte pela abertura comercial diante de uma moeda apreciada.

Com a abrupta perda de valor do real, acreditava-se que tal quadro seria revertido, isto é, as exportações aumentariam significativamente mediante ganhos de competitividade. Entretanto o valor das exportações não aumentou como fora esperado. O próprio governo estimara a princípio um superávit anual de 11 bilhões, modificando-o para déficit de 1,0/1,5 bilhões já em outubro do mesmo ano. Alguns fatos explicam tamanha discrepância: a demanda internacional do primeiro semestre de 1999 está longe de ser aquela de igual período em 1998, fruto de sucessivas crises econômicas de amplitude mundial, e os preços das mercadorias que constam na pauta de exportação brasileira estão retraídos, mais que compensando o aumento no quantum exportado.

Pretende-se neste trabalho verificar como a trajetória do valor exportado se alteraria se as condições não fossem tão adversas, conforme fora explanado no parágrafo anterior. Nesse sentido, serão desenvolvidos exercícios de simulação conciliando o quantum exportado de janeiro até setembro de 1999 com os respectivos preços percebidos no curso da década de noventa. Desta forma, seria possível estimar qual o impacto da desvalorização do real sobre o valor exportado, caso algumas das condições externas tivessem se mantido inalteradas, ou seja, antes de terem ocorrido as crises já mencionadas.

Como uma primeira etapa, enumerar-se-á uma série de variáveis que afetam as exportações, discernindo seus impactos e extensão de influência.

Posteriormente, um capítulo será destinado ao comércio mundial, no qual o Brasil vem intensificando sua participação, abrangendo toda a década de noventa.

Num terceiro estágio, será discutida a maxidesvalorização do Real, perante o contexto de crises no âmbito internacional, verificando, através de simulações, quais teriam sido os impactos sobre as exportações se o cenário mundial fosse outro, conforme explanado anteriormente.

Em seguida, far-se-á uma comparação dos efeitos da recente desvalorização, de janeiro passado, com a maxidesvalorização ocorrida em fevereiro de 1983, época em que o cenário mundial também estava conturbado.

No capítulo seguinte, tentar-se-á elaborar cenários de evolução para as exportações e importações no ano 2000, obtendo-se desta forma o saldo da balança comercial no período.

À conclusão, serão destinados os principais comentários sobre o tema proposto neste trabalho, encontrando-se sumariados os capítulos anteriores.

II. Determinantes das exportações.

Ao se traçar políticas macroeconômicas, é interessante saber seus efeitos sobre as exportações. Daí, ser tão importante conhecer as inúmeras variáveis que exercem influência sobre elas, sobretudo com a atual intensificação do comércio mundial. No presente capítulo, tais variáveis serão enumeradas e minuciosamente explicadas.

A renda mundial é uma variável cuja significância para as exportações é considerável. Em anos recessivos no âmbito internacional, o comércio mundial se contrai, reduzindo as exportações. Analogamente, em anos prósperos, de crescimento econômico, o comércio mundial se expande, aumentando as exportações. Certamente que ao se fazer uma análise mais detalhada sobre um país específico, cabe identificar os mercados para os quais ele exporta, pois isto poderia explicar um cenário internacional favorável, mas com o país em estudo tendo suas exportações reduzidas, fruto de recessões nas regiões para as quais ele exporta.

Outro determinante significativo é o nível de atividade doméstica. Produtores domésticos tendem a produzir para abastecer o mercado interno, exportando os excedentes. Logicamente, nos anos em que o país estudado está enfrentando um quadro nacional recessivo, a demanda interna se contrai. Consequentemente, o grau de utilização da capacidade doméstica diminui, gerando maiores excedentes na produção, que são exportados. Obviamente, os produtores levam em consideração os preços relativos entre as vendas internas e externas ao decidir o quanto exportar.

Um terceiro fator, cuja importância merece destaque, tal como os outros dois já citados; formando as principais variáveis que afetam as exportações é a taxa de câmbio real. Esta é constituída pela taxa de câmbio nominal, que é o preço de uma moeda em relação a outra, o nível de preços internos e externos. Quanto mais barata for uma moeda, em termos nominais, mais fácil será para os outros países importar do primeiro; portanto suas exportações crescem. No entanto, este raciocínio é um tanto ingênuo por não considerar distorções nos níveis de preços, doméstico e externo, que completam a taxa de câmbio real. Isto porque a inflação interna pode superar em muito a externa, anulando os efeitos pró-exportação de uma moeda nominalmente depreciada. Neste sentido faz-se necessário uma comparação entre os preços das exportações de um país com os preços domésticos do país para qual ele exporta, e também com os preços de outros países, competidores internacionais, no mesmo mercado.

A produtividade do trabalho, a política salarial sobre custos das exportações e incentivos fiscais e creditícios às exportações são outras variáveis que costumeiramente encontram-se em estudos, onde modelos econométricos procuram explicar variáveis que afetam as exportações.

Tais trabalhos (Ferreira; Braga e Markwald; Rios; e Pinto), por sinal, utilizam uma equação de demanda e outra de oferta, que se ajustam simultaneamente (geralmente em um período de um ano). Entretanto há o modelo de desequilíbrio, que considera que há uma defasagem em tal ajuste, levando este, mais de um período para ocorrer. Em se tratando de Brasil, as variáveis mencionadas não fogem às regras, mas dois comentários merecem destaque: primeiramente a política de substituição às importações adotadas

pelo país foi substituída em 1964 por outra de incentivo às exportações, mas as exportações cresceram mais no período 1954/64 que em 1964/74, o que limita a importância de incentivos fiscais às exportações (Pinto); e em segundo lugar, o Brasil era considerado um país pequeno nos primeiros estudos sobre exportações, enfrentando uma demanda perfeitamente elástica, idéia esta, já superada em estudos empíricos

Um fato a ser destacado é a intensificação do comércio internacional. O mundo antes das grandes guerras, possuía um comércio bastante intenso entre os países, relativamente à renda mundial. Durante as guerras e por um longo período após o término da última, o comércio mundial se retraiu com uma série de medidas protecionistas sendo adotadas. Entretanto, recentemente, tal quadro foi revertido, com uma vasta abertura comercial e a formação de blocos econômicos entre os países, intensificando suas relações comerciais, superando inclusive o patamar relativo à renda mundial alcançado no início do atual século. Conseqüentemente, esta mudança de contexto internacional, contribuiu para o aumento das exportações nos últimos anos.

Existem ainda alguns fatores que influenciam as exportações, mas cuja mensuração em modelos econométricos torna-se inviável, a seguir expostos.

Não apenas barreiras tarifárias e cotas impedem a entrada de produtos estrangeiros. É comum a imposição de certas características a produtos de sorte que estes não se adequem às exigências, impossibilitando as exportações. Enquadram-se aí as barreiras fito-sanitárias. Por vezes a própria qualidade do produto é inferior a do produzido domesticamente ou por concorrentes internacionais, fazendo com que o próprio mercado o expurgue. Vale ressaltar que o país importador pode gerar problemas no

desembaraço da alfândega, fazendo com que importadores se voltem para o produtores nacionais.

Todos importadores precisam de garantias de que seu estoque poderá ser mantido via um fluxo de importação constante com possíveis aumentos em caso de aquecimento da demanda, ou seja, tentam minimizar a hipótese de que não tenham a quantidade desejada de seus produtos por ocasião de uma interrupção no fluxo de importação. A confiança no exportador tem de existir então. Se o país exportador não tiver tal credibilidade, seja pela forma como a política econômica vem sendo conduzida, pelo regime político vigente ou outros fatores, certamente terá seu nível de exportações afetado.

As condições de financiamento também influem. Alguns mercados dispõem de longo prazo à taxas de juros reduzidas em contraste com outros que enfrentam elevadas taxas em prazo curtíssimo.

A localização geográfica exerce influência sobre as exportações. Países situados em áreas de intenso comércio internacional, regional, ou próximos a países de grande porte mundial, no que se refere a renda, levam vantagens em relação aqueles localizados em áreas pobres, de fraca tradição no comércio mundial.

Cerca de dois terços do comércio mundial, atualmente se deve às multinacionais. Assim, países onde estas estão presentes, tendem a exportar mais. É mister ressaltar que em alguns países a instalação de tais empresas não estava buscando vantagens comparativas para exportar para outros mercados, mas sim, competir internamente. É

interessante destacar o fenômeno conhecido como outsourcing, onde cada país fica responsável por uma etapa da produção, o que faz com que tenham uma relação comercial intensa entre si.

Enfim, há uma enorme gama de fatores que influenciam as exportações, muitos mensuráveis, podendo, pois, serem incluídos em trabalhos econométricos, e outros tantos cuja mensuração não é possível, mas que mesmo assim não deixam de ter sua importância.

III. Brasil nos anos 90: da abertura comercial à maxidesvalorização

Durante um longo período, em meados do século atual, o Brasil adotou a estratégia de substituição às importações, fechando-se ao comércio mundial. À época, tal procedimento tinha considerável aceitação, sendo visto como uma forma de proteger a indústria nacional, nascente, da concorrência estrangeira; esta última já com níveis de escala de produção bem superiores aos brasileiros. Objetivava-se o fortalecimento, o amadurecimento do complexo industrial nacional, a médio prazo, para posterior abertura comercial, já então, em condições de competir em similar patamar com os países mais desenvolvidos.

Passadas algumas décadas, a estratégia brasileira sofreu profundas transformações, mediante um cenário internacional bastante diferente de outrora. O comércio internacional, cujo nível sofrera elevada redução em termos percentuais relativo ao produto interno bruto mundial no período posterior às Guerras Mundiais, voltou a crescer e já supera, inclusive, a Época de Ouro (final do século passado e início deste século, quando as transações comerciais eram significativas em relação ao PIB mundial). Estamos, agora, na era da globalização, onde os países vem estreitando suas relações econômicas entre si, visando não ficar para trás diante das novas regras do jogo. A abertura comercial tornou-se um fenômeno quase que inerente a todos os países, intensificando-se sobretudo nos últimos anos. Blocos econômicos foram, e continuam sendo formados, com o intuito de segmentar parceiros comerciais, entre os quais predominam acordos preferenciais de comércio. A Organização Mundial do

Comércio, por sua vez, passou a inibir com mais veemência medidas restritivas, e a julgar com mais rapidez e eficiência desavenções entre os países.

O Brasil não fugiu à regra. Medidas de caráter liberalizante foram instituídas no início da década de 90, durante o Governo Collor, dando-se continuidade ao processo com seus sucessores, Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso, respectivamente. Juntamente com Argentina, Uruguai e Paraguai, constituiu o Mercosul (Chile e Bolívia aparecem como convidados): bloco econômico cujos países membros possuem tarifa de exportação zero entre si, salvo no que concerne aos produtos em regime de adequação, e tarifa externa comum em relação aos não-membros, exceto os produtos incluídos na lista de exceções. Tal integração elevou substancialmente o volume de comércio entre tais países.

O valor exportado pelo Brasil na década de noventa é bastante superior aos das últimas décadas, tanto pela elevação do nível de preços quanto, principalmente, pelo extraordinário aumento do quantum exportado, consequência dos fatos adverbados no parágrafo acima. Além do mais, na própria década, o crescimento é considerável, merecendo maiores comentários.

Seguindo o exemplo do comércio mundial nesta década, o Brasil teve seu nível de valor exportado acrescido em muito. Os principais parceiros comerciais são: EUA, Alemanha, Japão e Argentina (Direction of Trade Statistics). Apesar do grande aumento em todos os casos, o último citado, tornou-se digno de destaque pelo aumento extraordinário (valor exportado multiplicado diversas vezes) de comércio entre ambos,

consequência direta dos acordos preferenciais firmados, via Mercosul,, que geraram uma interdependência significativa, sobretudo para a Argentina.

O valor total exportado apresentou crescimento ao longo de toda a década, ano a ano, só possuindo taxas negativas para o biênio 1998-1999 (ver gráfico 2). Tal queda pode ser explicada pela retração da demanda mundial, ocasionada pelas crises asiática, russa e brasileira, incorrendo na diminuição do nível de preços, não compensada, suficientemente, com o quantum exportado, que aumentou no período, com a maxidesvalorização do câmbio em janeiro de 1999 (este tópico em particular, fundamental no presente trabalho, é merecedor de um capítulo em separado, mais adiante). O crescimento acumulado atingiu seu pico em 1997, chegando a quase 70%, mas caindo para pouco mais de 55% já em 1999 (ver gráfico 1). Particularmente os anos de 1992, 1994 e 1997, foram os que apresentaram maior crescimento anual, todos superiores a 10% (ver gráfico 2). Os cálculos para o ano de 1999 foram elaborados utilizando-se o quantum acumulado no ano de 1999, e fazendo projeções para os meses vindouros, levando-se em conta suas respectivas sazonalidades e acrescentando-se 15% de crescimento no último trimestre para ajustar o valor exportado com as previsões do mercado; o índice de preço para o trimestre em questão foi a média para os respectivos meses entre 1990/97. O mesmo método foi utilizado para as classes de produtos descritas a seguir.

O valor total exportado pode ser desmembrado em três classes: básicos, semimanufaturados e manufaturados. Os produto básicos, atingiram um máximo de crescimento acumulado na década de 70%, caindo para pouco mais de 45% em 1999

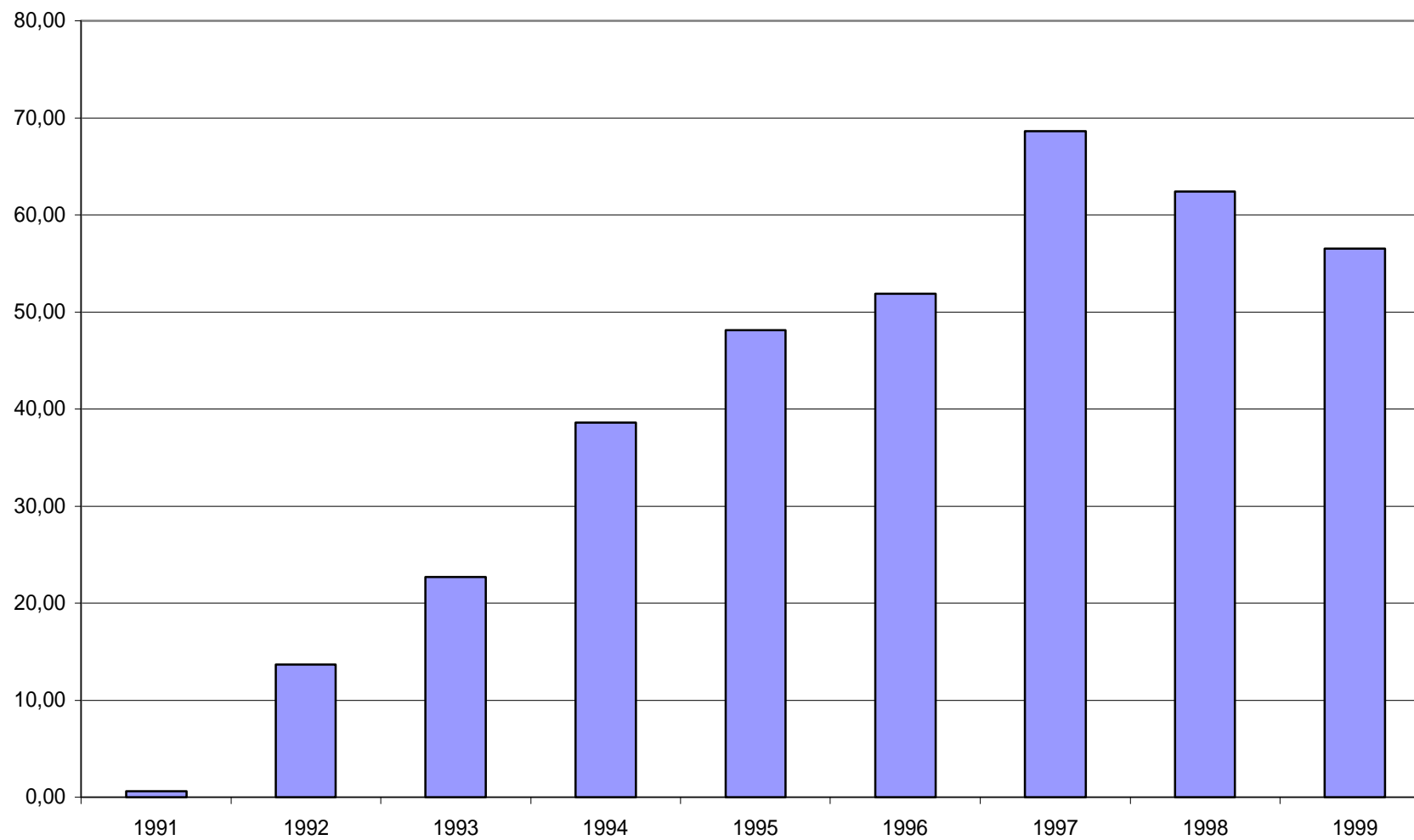
(ver gráfico 3), vítima da forte queda anual de 1998, que gira em torno de 10% (ver gráfico 4). Os anos de 1994 e 1997 apresentaram as maiores altas, próximo aos 20% cada (ver gráfico 4). Os semimanufaturados apresentaram taxas anuais negativas em quase todos os anos. Contudo, três anos em que foi positiva, 1992, 1994 e 1995, seus respectivos valores superaram: 20%, 25% e 30% (ver gráfico 6), garantindo o pico de 80% em 1995 e acumulado de mais de 60% em 1999 (ver gráfico 5). Os manufaturados apresentaram crescimento anual superior a 10% em 1992, 1993 e 1997 (ver gráfico 8), atingindo um acumulado de mais de 70% em 1998 (ver gráfico 7). Porém a retração de 5% em 1999 levou o valor acumulado para a faixa dos 65% (ver gráfico 7).

Seguem, gráficos de 1 a 8 com a taxa de crescimento das exportações acumulada na década e a variação anual no período 1991/1999, respectivamente, do valor exportado total e subdividido entre as três classes já mencionadas, juntamente com a tabela 1, contendo os valores anuais exportados. A base utilizada foi: 1990 = 100, e portanto, variações em tal ano não estão contidas nos gráficos. Na tabela 1, estão os dados utilizados nos gráficos de 1 a 8.

Tabela 1 : Valor exportado total e dos produtos básicos, semimanufaturados e manufaturados de 1990 a 1999. Fonte: Funcex

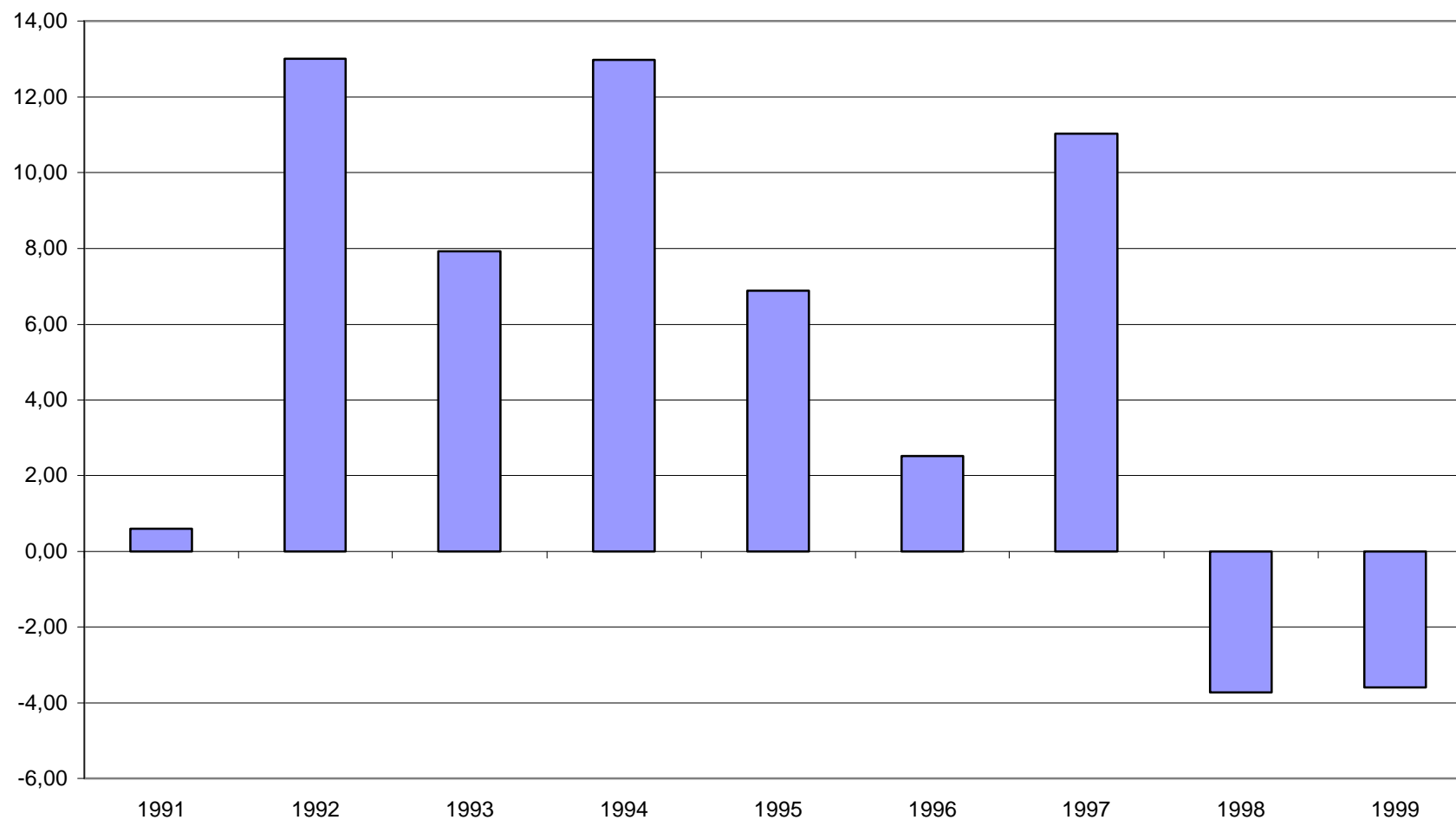
Valor Exportado	Total	Básicos	Semimanufaturados	Manufaturados
1990	31434	8574	5252	16994
1991	31622	8549	4849	17772
1992	35736	8588	5922	20741
1993	38568	9124	5613	23467
1994	43574	10819	7129	24964
1995	46577	10700	9447	25623
1996	47752	11956	8587	26415
1997	53021	14543	8476	29192
1998	51045	12808	8095	29385
1999	49210	12706	8568	27936

Gráfico 1: Taxa de crescimento acumulado das exportações totais brasileiras no período 1991-1999 (em porcentagem)



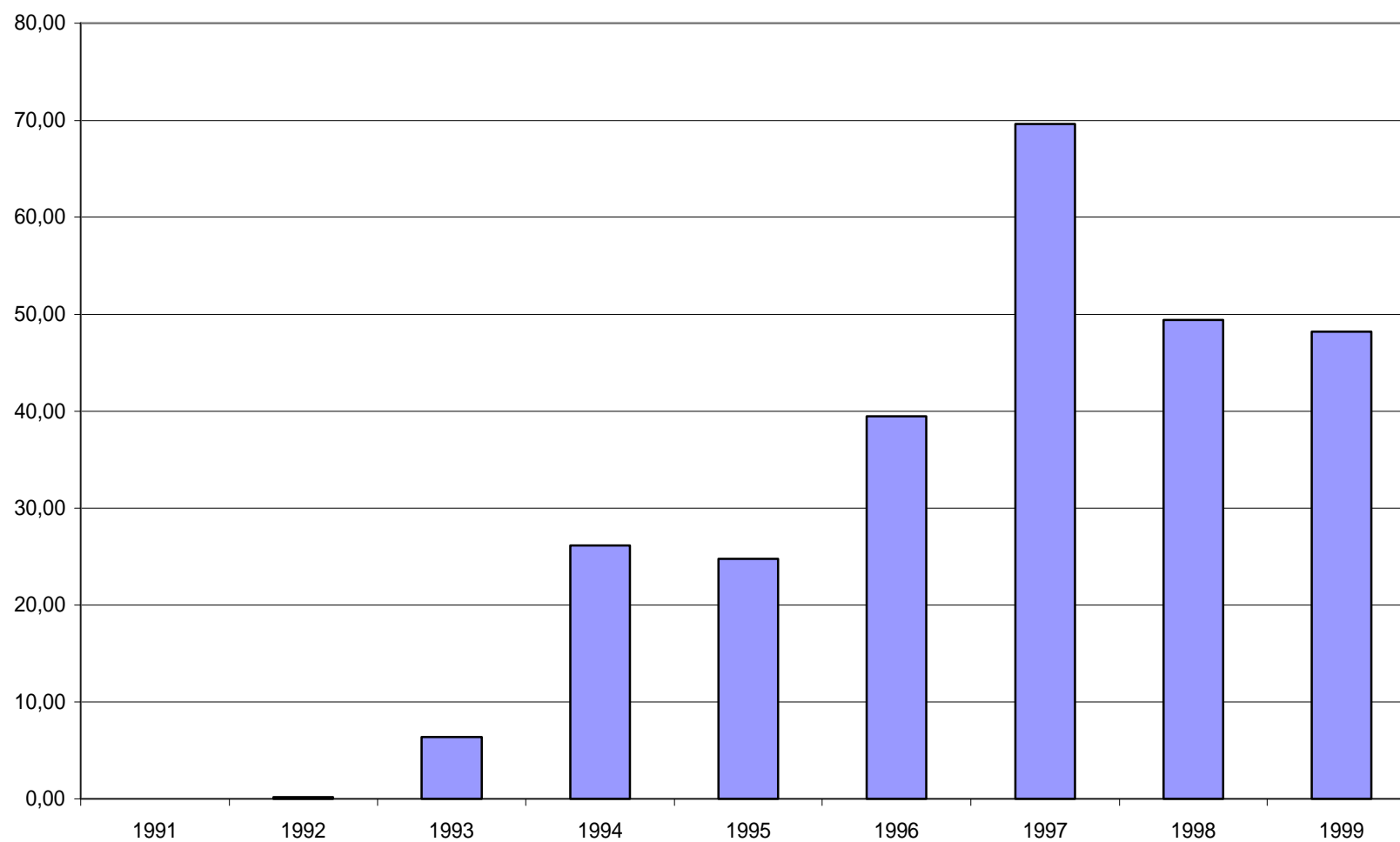
Fonte: Funcex

Gráfico 2: Taxa de crescimento anual das exportações totais brasileiras no período 1991-1999 (em percentagem)



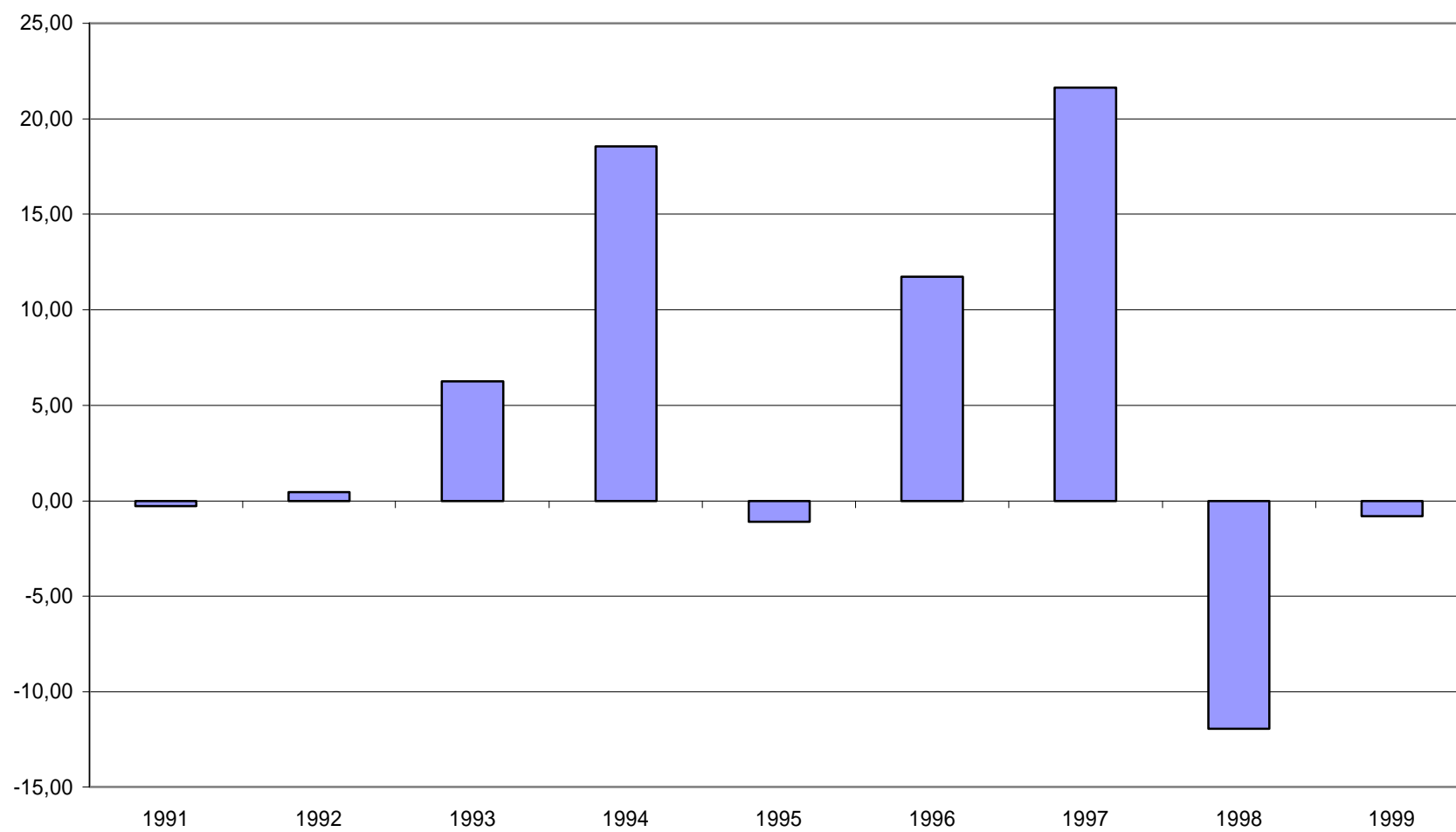
Fonte: Funcex

Gráfico 3: Taxa de crescimento acumulado das exportações brasileiras de produtos básicos no período 1991-1999 (em percentagem)



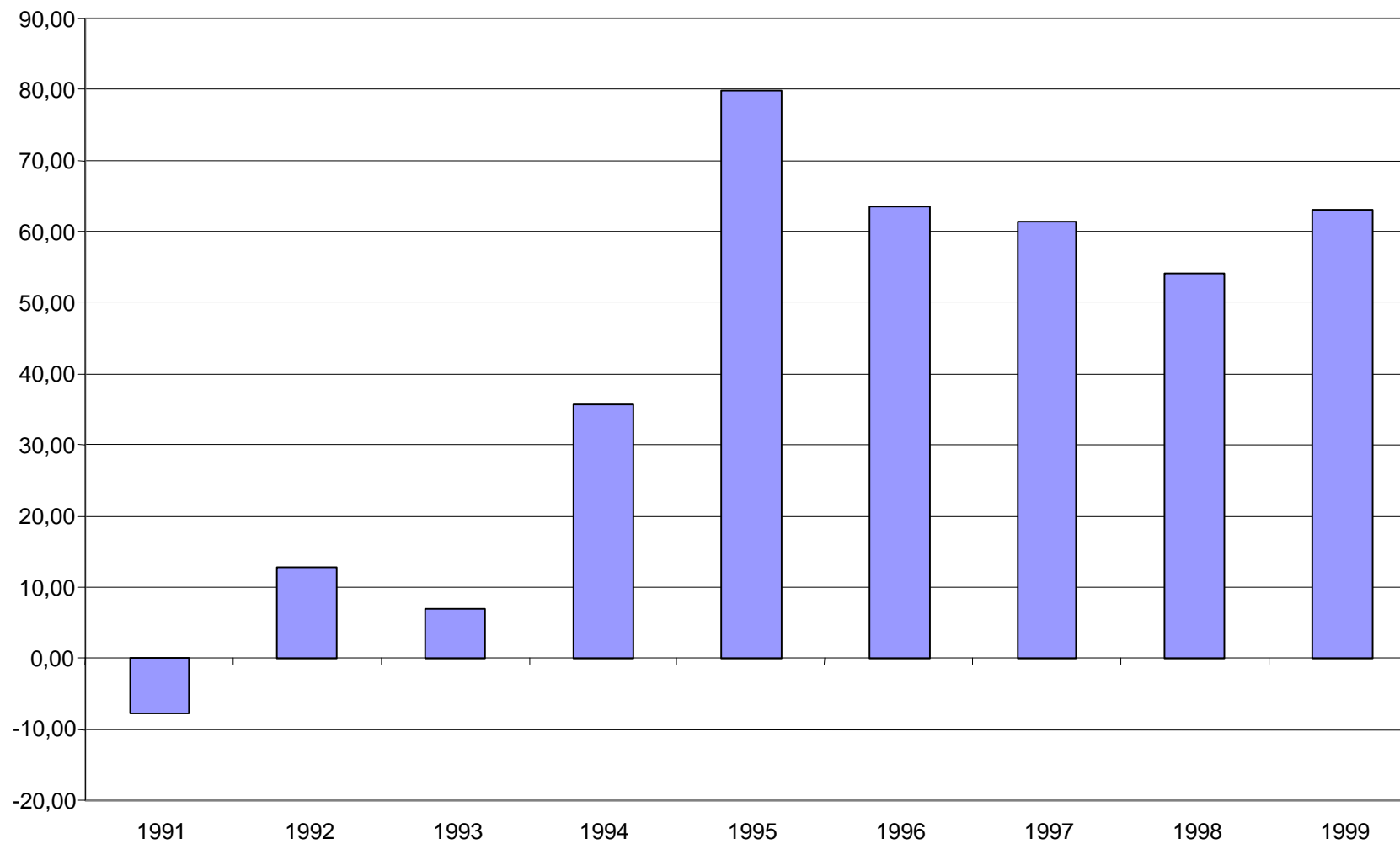
Fonte: Funcex

Gráfico 4: Taxa de crescimento anual das exportações brasileiras de produtos básicos no período 1991-1999 (em percentagem)



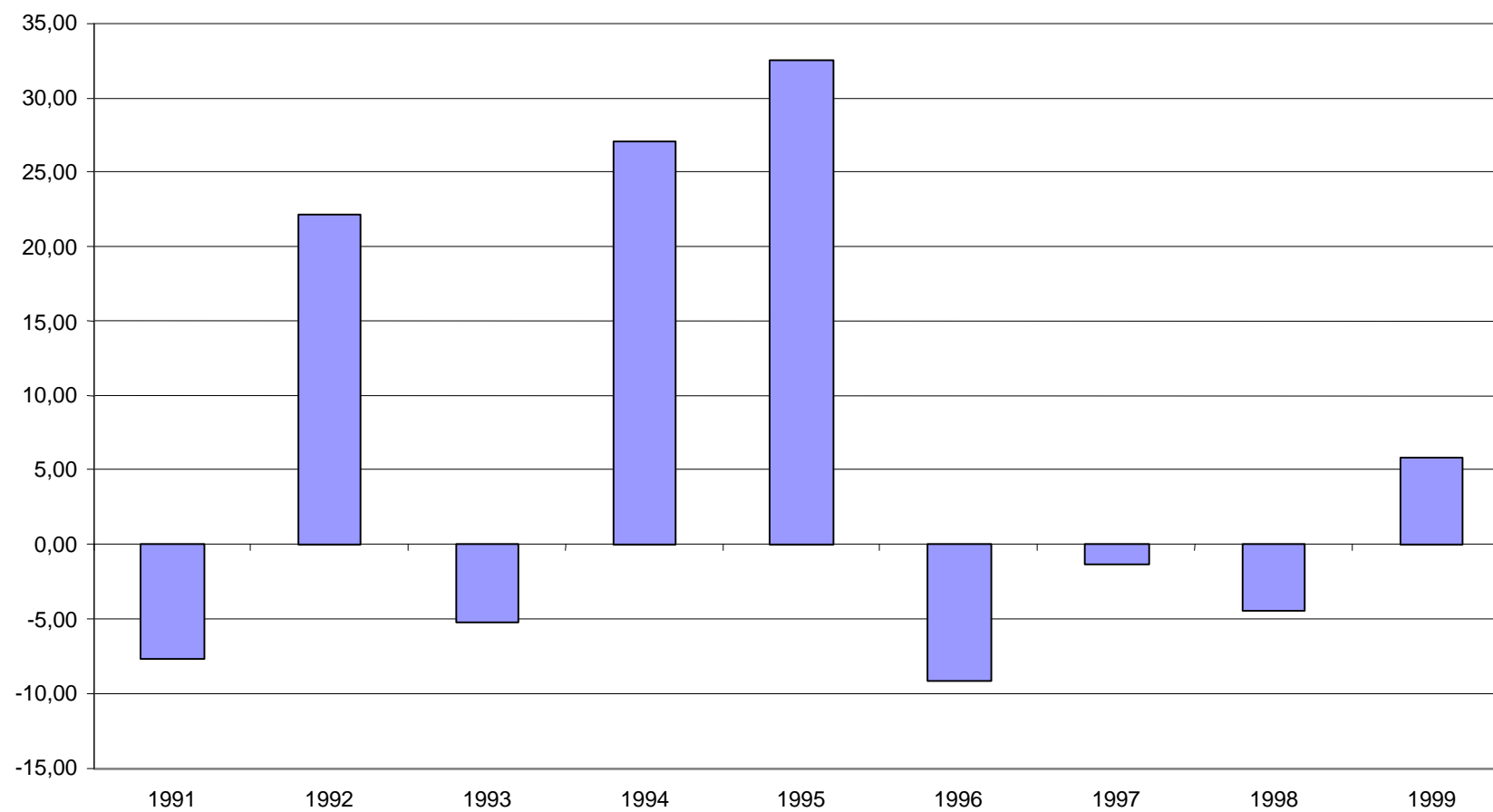
Fonte Funcex

Gráfico 5: Taxa de crescimento acumulado das exportações brasileiras de semimanufaturados no período 1991-1999 (em



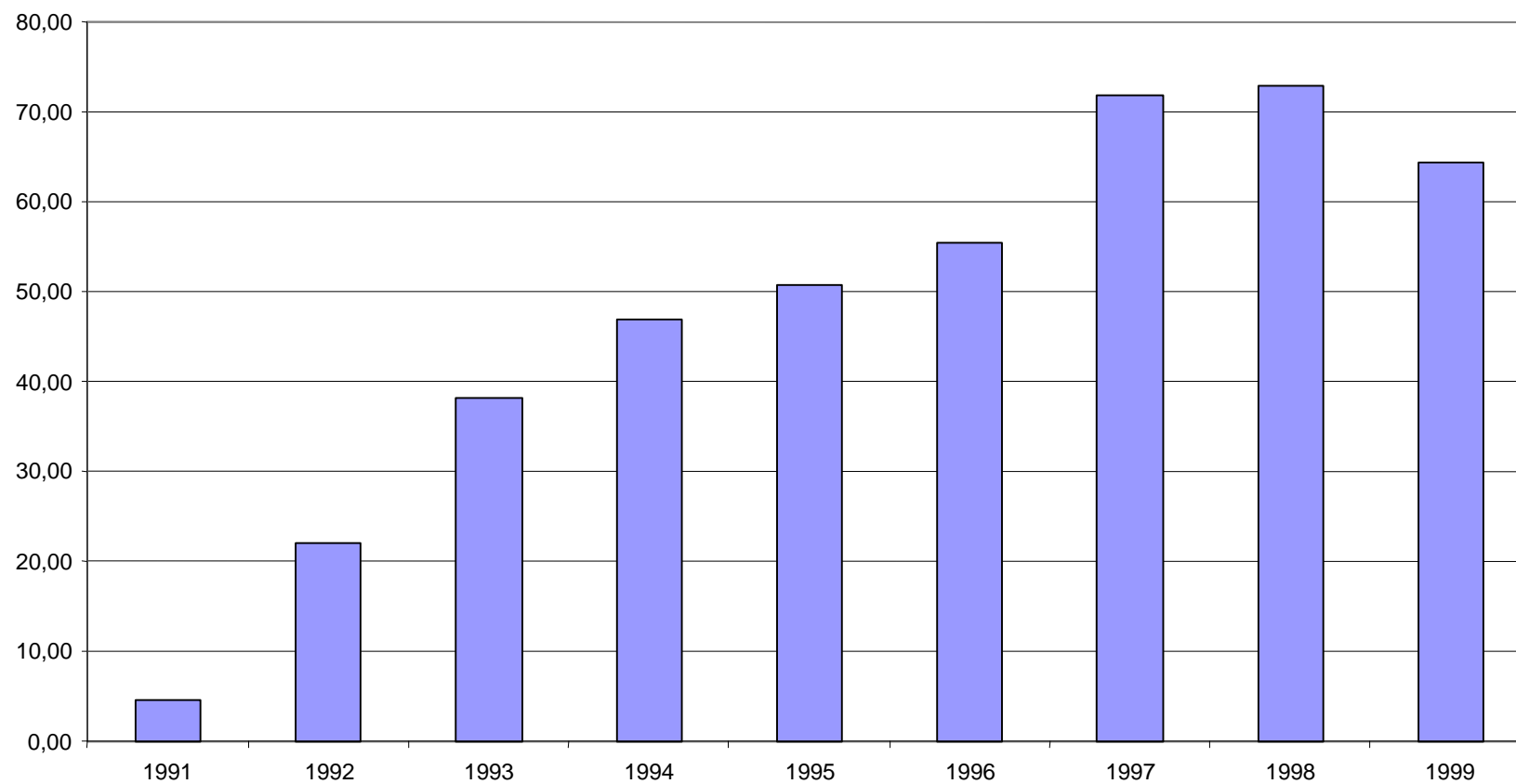
Fonte: Funcex

Gráfico 6: Taxa de crescimento anual das exportações brasileiras de produtos semimanufaturados no período 1991-1999 (em percentagem)



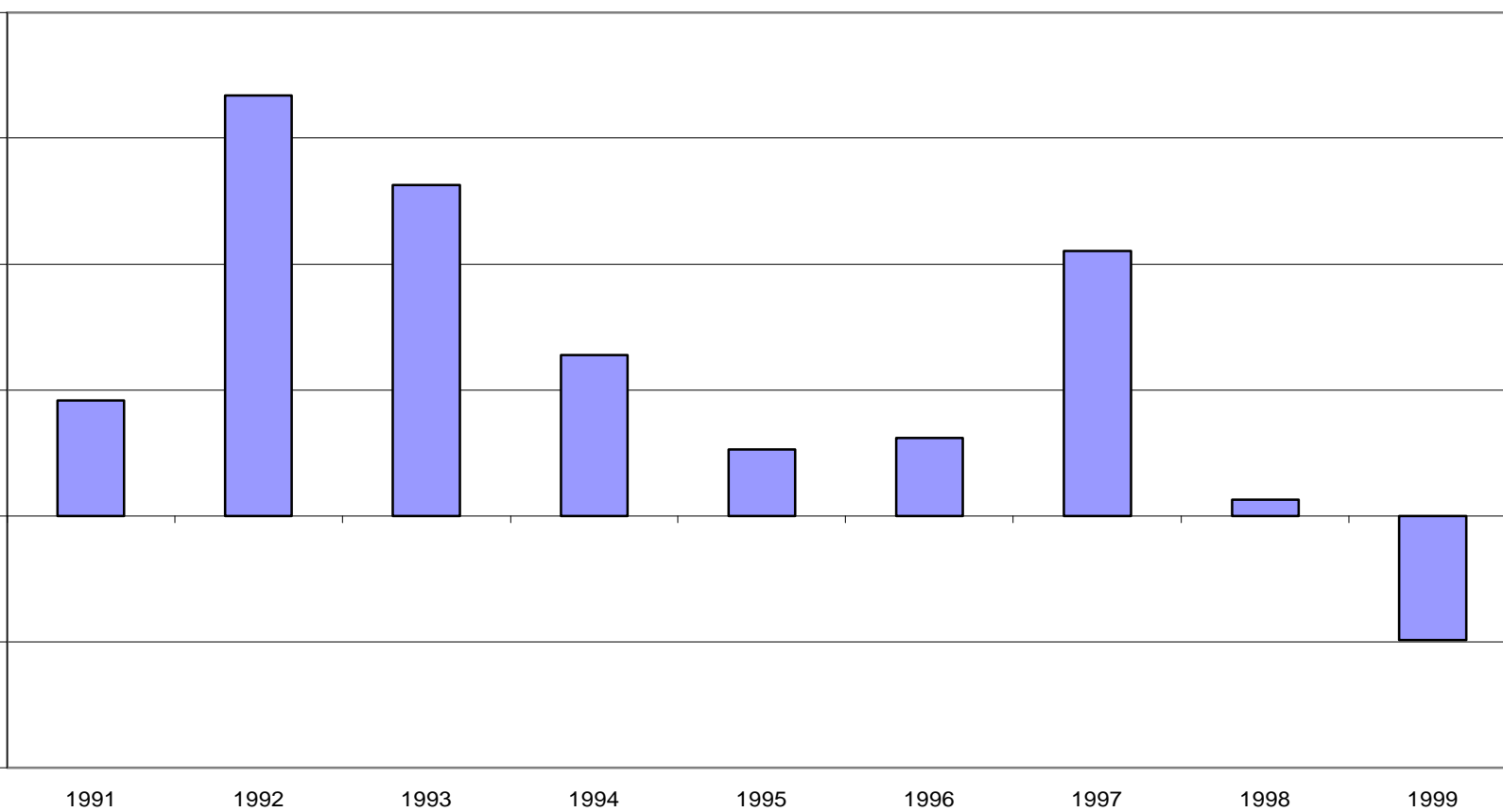
Fonte: Funcex

Gráfico 7: Taxa de crescimento acumulado das exportações brasileiras de produtos manufaturados no período 1991-1999 (em percentagem)



Fonte: Funcex

Gráfico 8: Taxa de crescimento anual das exportações brasileiras de produtos manufaturados no período 1991-1999 (em porcentagem)



Fonte: Funcex

IV. O efeito dos preços nas exportações: simulações.

IV.1 O ano de 1999.

Os anos noventa vinham sendo prósperos para o Brasil, no que se refere ao valor exportado total, assim como nas classes de produtos: básicos, semimanufaturados e manufaturados. Entretanto crises de âmbito mundial, vieram a modificar esta trajetória. A Crise Asiática, em 1997, e, posteriormente, a Crise Russa, em 1998, trouxeram uma retração na demanda mundial, fato este, que ocasionou uma queda no nível de preços. Neste contexto, o valor exportado pelo Brasil, total e por classes, apresentou acentuada retração, prejudicando o desempenho na década, e fazendo com que o auge do valor exportado acumulado ocorresse antes do fim desta. É mister, no momento, que se faça uma análise da economia brasileira na década de 1990, inserindo-a no contexto internacional, para melhor compreensão de tal trajetória: ascendente, no início, e descendente, no fim.

No Brasil, o Plano Real, desde sua implementação, obteve sucesso no que se refere ao seu principal objetivo: o combate à inflação; isto, porque a inflação brasileira alcançou números exorbitantes durante a década de oitenta e início dos anos noventa, tendo falhados diversos planos anteriores. Finalmente, o grande mal que assolava o país foi eficazmente combatido, gerando índices inflacionários dignos de primeiro mundo, proporcionando grande satisfação a todos. Entretanto, um dos mecanismos utilizados para garantir a estabilidade dos preços nos novos patamares, foi a manutenção de uma moeda apreciada, o Real. Desta forma, importar tornava-se mais barato. Conseqüentemente, com uma maior gama de produtos importados no país, os

produtores nacionais enfrentavam uma maior competitividade interna, que inibia práticas de preços abusivas.

Todavia, no momento quando o Brasil fazia sua abertura comercial, intensificando suas relações comerciais pelo mundo, e ingressando ao Mercosul, um câmbio apreciado, levou a um crescente déficit em conta corrente (é essencial ressaltar que o crescimento das exportações foi considerável, porém tendo sido superado pelas importações). A manutenção de tal situação deficitária, só foi possível pelo ingresso massivo de capitais externos, como fonte de financiamento.

Por um longo período, no qual a estabilidade foi mantida, o câmbio passou a sofrer minidesvalorizações, num sistema de minibandas. Entretanto, com as crises asiática e russa, o cenário internacional se modificou, aumentando as suspeitas sobre o Brasil. A pressão sobre o câmbio, sobrevalorizado, ganhou forças.

Na Crise Asiática, vários países desvalorizaram suas moedas, aumentando sua competitividade. Deste ponto, surgia a questão se o Brasil não deveria fazer o mesmo, já que sua moeda estava excessivamente valorizada, e a situação, deficitária por sinal, tendia a piorar com a perda de competitividade frente aos países asiáticos no comércio mundial.

Na Crise Russa, fora declarada a moratória. Surgiu, pois, o receio que o Brasil pudesse vir a fazer o mesmo. Isto, num contexto em que a questão fiscal brasileira não era resolvida.

Em ambas as crises houve uma fuga massiva de capitais externos. O déficit em conta corrente, financiado pela entrada de capitais, passou a ser financiado pela perda de reservas. Estas, por sua vez, começaram a despencar. Não querendo desvalorizar a moeda em maiores proporções, por acreditar que na estabilidade do câmbio se prendia o sucesso do Plano Real, o governo aumentou substancialmente a taxa de juros. Tal medida conseguiu manter parcialmente as reservas, ao menos num nível não tão desesperador, através da entrada de capital estrangeiro de curto prazo. Porém tal capital era extremamente volátil, não tendo proporcionado uma estabilidade duradoura. Pressões sobre o governo por parte de empresários, que acreditavam que a moeda deveria perder valor para que o crescimento retornasse (a crise mundial, acrescida a elevação das taxas de juros, geraram uma recessão no país), via aumento das exportações; juntamente com a demora, e mesmo negação, do Congresso em aprovar medidas de cunho fiscal, fato que gerou maiores desconfianças sobre o esforço brasileiro em garantir sua estabilidade e crescimento, ocasionando volumosas fugas diárias de capital e conseqüente perda de reservas, aumentaram a incerteza sobre o câmbio. A esta altura, as reservas haviam desaparecido ferozmente. Bastante pressionado, em janeiro de 1999, o governo resolveu alterar sua política cambial, alargando a banda. Rapidamente, o teto foi atingido e o governo novamente mudou o regime vigente, deixando dessa vez o câmbio flutuar livremente. Não levou muito tempo para o real perder mais da metade de seu valor. Como previsto, ocorreu um overshooting da taxa de câmbio. Atualmente o câmbio está bem abaixo do pico alcançado, porém com uma inegável perda de valor, estando ainda sujeito a oscilações diante de turbulências do mercado.

Com a maxidesvalorização ocorrida, esperava-se que a inflação voltasse brevemente e com forças. A recessão provocada pelo governo, com o aumento da taxa de juros, porém, conseguiu contê-la eficazmente, não se esperando mais que a variação do nível de preços atinja dois dígitos este ano (IPCA-IBGE), declinando ainda mais nos anos próximos. Por conseguinte, a perda de valor nominal da moeda, não foi compensada por um retorno da inflação alta, ou seja, acarretando em perda efetiva, real, do valor da moeda.

Esperava-se, então, utilizando-se os mais simples conceitos econômicos, que o quadro deficitário das transações correntes fosse revertido. Isto porque a abrupta perda de valor da moeda proporcionaria um ganho de competitividade, aumentando as exportações e retraindo as importações. À época, o governo, em comum acordo com o Fundo Monetário Internacional, previu um superávit comercial de 11 bilhões. No entanto, tais expectativas não se consumaram. Muito pelo contrário, as estimativas de outubro de 1999, atentam para um déficit de cerca de 1,0/1,5 bilhões.

Obviamente, a teoria econômica não está equivocada, como crêem muitos. Pensar que, dada a enorme discrepância entre as estimativas originais e atuais quanto ao saldo comercial, a megadesvalorização cambial não exerceu efeitos sobre as exportações é uma hipótese absurda. Certamente que o fez, todavia diante de um quadro adverso, bastante diferente daquele de poucos anos atrás. Não tivesse ocorrida a desvalorização cambial, o saldo comercial seria bem mais precário, diante do atual cenário mundial.

A demanda internacional se retraiu consideravelmente, fruto das sucessivas crises econômicas de amplitude mundial, já mencionadas. A demanda internacional de janeiro a setembro de 1999, está bem distante daquelas apresentadas nos últimos anos.

Além do mais, os níveis de preços das principais mercadorias que constam na pauta de exportação brasileiras, encontram-se deprimidos. Finalmente, o petróleo, do qual o Brasil é um grande importador, teve súbito aumento de preços recentemente.

Tais fatores, em conjunto, fizeram com que a previsão original não se concretiza-se. Contudo, a análise de dados (Funcex), mostra que o quantum exportado sofreu um aumento significativo após a mudança cambial, e se o resultado esperado não foi alcançado, com o valor exportado se situando inclusive abaixo de anos passados, isto se deveu a queda do nível dos preços das exportações, resultado das atuais condições adversas do mercado mundial. Enfim, a maxidesvaloração exerceu forte influência sobre as exportações (certamente que a exportação não tem a ver somente com a taxa cambial, existindo uma série de outras variáveis de relevância significativa; ver capítulo um). Com o intuito de ratificar, que a desvalorização cambial desempenhou considerável influência, e o resultado não foi melhor devido ao cenário internacional atual, bastante adverso, simulações, serão apresentadas, mostrando a trajetória que seguiria o valor exportado, com níveis de demanda passados. Para tal, inúmeros exercícios, combinando-se o quantum de janeiro a setembro de 1999 com níveis de preços passados, contrastando-os com o efetivo de igual período em 1999, serão minuciosamente expostos a seguir, para o valor total exportado e as três classes de produtos: básicos, semimanufaturados e manufaturados.

Para cada uma das classes e o total exportado, foram plotados dois gráficos, a serem apresentados a seguir. O primeiro é resultado de uma combinação do quantum de janeiro até setembro de 1999 com os preços dos respectivos meses para os anos de 1990 até 1999. O segundo gráfico é uma comparação entre o valor exportado efetivo do ano (preço de 1999 versus quantum de 1999); o quantum de janeiro a setembro de 1999 versus os preços médios de cada mês, respectivamente, ponderado pelo quantum, na década (por exemplo o quantum de abril de 1999 versus o preço médio de abril ao longo da década, ponderando-se pelo quantum a cada ano); e o quantum de janeiro a setembro de 1999 versus o preço médio da década (este é um preço único para a década, obtido através da ponderação pelo quantum, dos meses de janeiro a dezembro de 1990 até 1998; até setembro para o ano de 1999). Tais simulações permitem saber qual seria o valor exportado em 1999, sob outros cenários internacionais, que não o atual, de demanda internacional reprimida.

A curva do valor total exportado efetiva no ano de 1999, mostra claramente o baixo nível de preços atual, superando apenas a curva de 1993, ano em que os juros norte-americano estavam altos (ver gráfico 9). Os anos de 1992 e 1994 não apresentam significativas diferenças no que se refere ao primeiro trimestre de 1999, não prosseguindo a mesma tendência para os meses seguintes. De 1995 a 1998, todas as curvas situam-se bem acima da de 1999, para todos os meses. Quando comparada com a média de cada mês e da década (ver gráfico 10), a curva efetiva se mantém próxima, mas abaixo, nos dois primeiros meses, aumentando consideravelmente a diferença para os demais meses.

No caso dos básicos, a situação é semelhante. Os anos de 1996 e 1997 foram os mais prósperos e o de 1993 o menos (ver gráfico 11). 1999, no geral seria o segundo pior da década, ficando bem abaixo da média dos meses e da década (ver gráfico 12).

A situação é mais grave no caso dos semimanufaturados, onde o efetivo de 1999 é pior para todos os meses, frente a todos os demais anos (ver gráfico 13). Se comparada com a média mensal e da década (ver gráfico 14), a distância vertical entre as curvas é enorme.

Os manufaturados são os que apresentam melhor desempenho, superando 1993 e 1994, e num geral, se igualando a 1990 e 1992 (ver gráfico 15). No primeiro trimestre, situa-se bastante próximo à média do mês e da década (ver gráfico 15), superando ambas curvas em janeiro. Daí por diante, seu desempenho se enfraquece vis-à-vis as outras duas curvas.

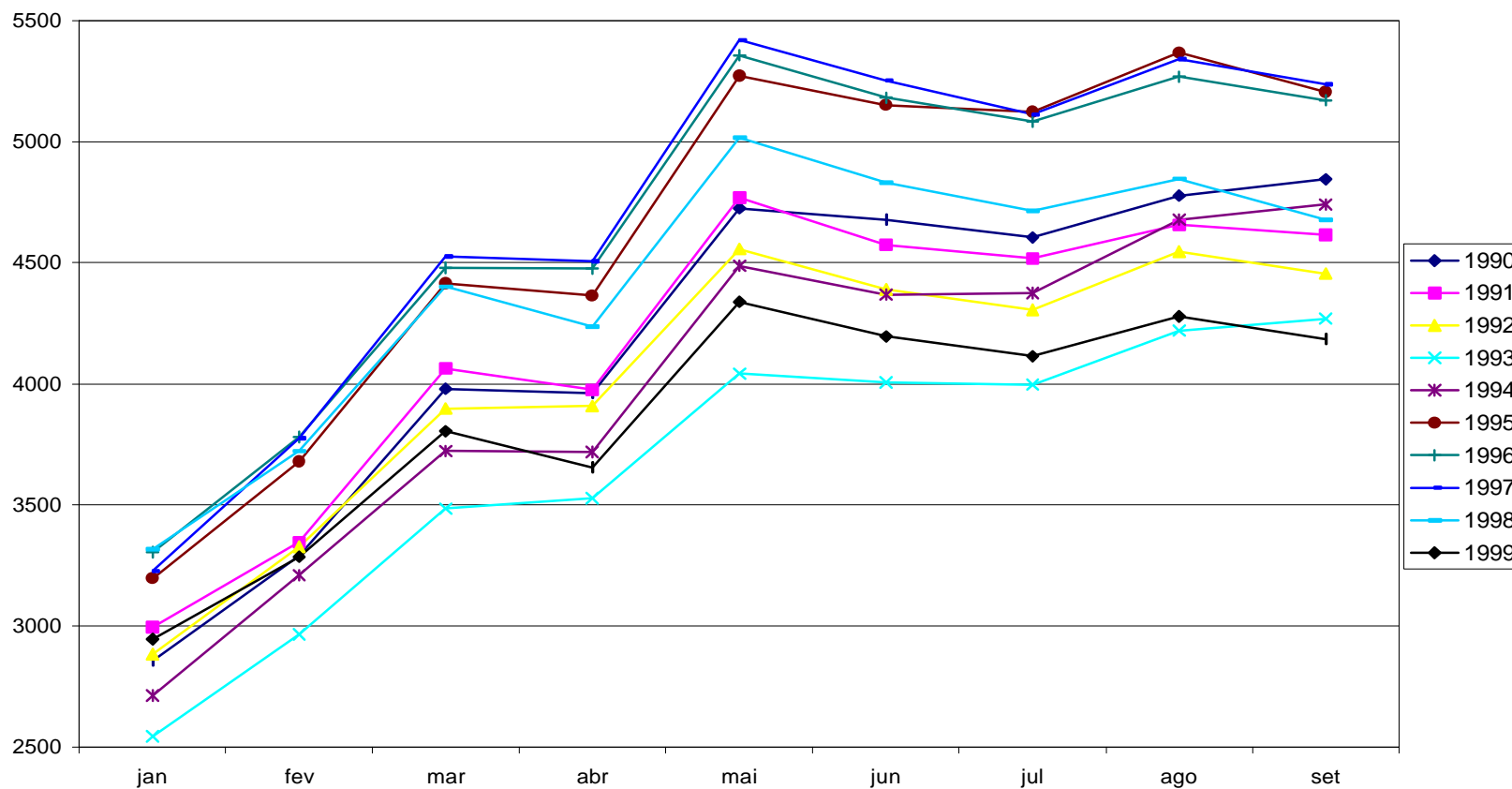
Por conseguinte, através destes exercícios, ficou demonstrado que o valor exportado no ano letivo, não foi tão alto como se imaginava num primeiro instante, devido à repressão dos preços. Ainda que o quantum tenha tido considerável aumento com a desvalorização cambial de janeiro de 1999, a queda do nível de preços gerou um valor exportado inferior ao previsto inicialmente. Como resultado das simulações, ficou nítido que o desempenho das exportações teria sido bem melhor após a máxima desvalorização, caso as crises mencionadas não tivessem ocorrido, sendo outro o cenário internacional enfrentado pelo Brasil.

A tabela 2, abaixo, mostra o valor exportado total e por setores básicos, semimanufaturados e manufaturados, sob três condições: valor exportado efetivo acumulado de janeiro a setembro de 1999; combinação do quantum de janeiro a setembro de 1999 com o preço médio da década e com os preços de 1997 de cada respectivo mês (ano que apresentou o maior índice de preços na década de noventa).

Tabela 2: Valor exportado total e dos produtos básicos, semimanufaturados e manufaturados, obtidos através da combinação do quantum de janeiro a setembro de 1999 com os preços: de 1999, de 1997 e médio da década. Fonte: Funcex

A preços :	Total	Básicos	Semimanufaturados	Manufaturados
De 1999	34295	9000	5695	19600
De 1997	41597	12374	7378	21845
Médio da década	37827	10350	6994	20483

Gráfico 9: Valor exportado total, obtido com a combinação do quantum de janeiro a setembro de 1999 com os preços dos respectivos meses no período 1990-1999



Fonte: Funcex

Gráfico 10: Valor exportado total, obtido com as combinações do quantum de janeiro a setembro de 1999 com os preços: médio do respectivo mês no período 1990-1999; médio do período janeiro de 1990 a setembro de 1999; e o de 1999.

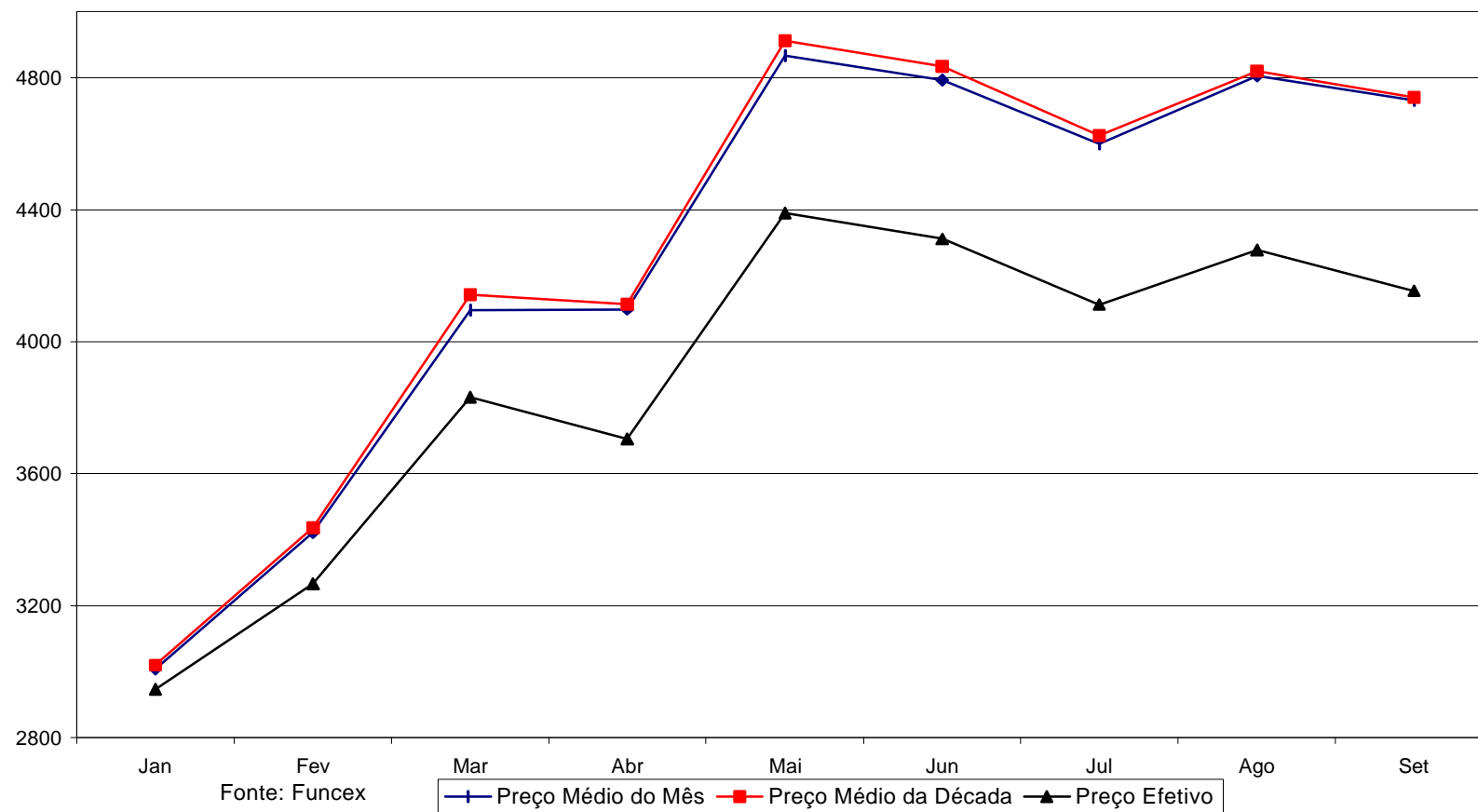


Gráfico 11: Valor exportado dos produtos básicos, obtido com a combinação do quantum de janeiro a setembro de 1999 com os preços dos respectivos meses no período 1990-1999

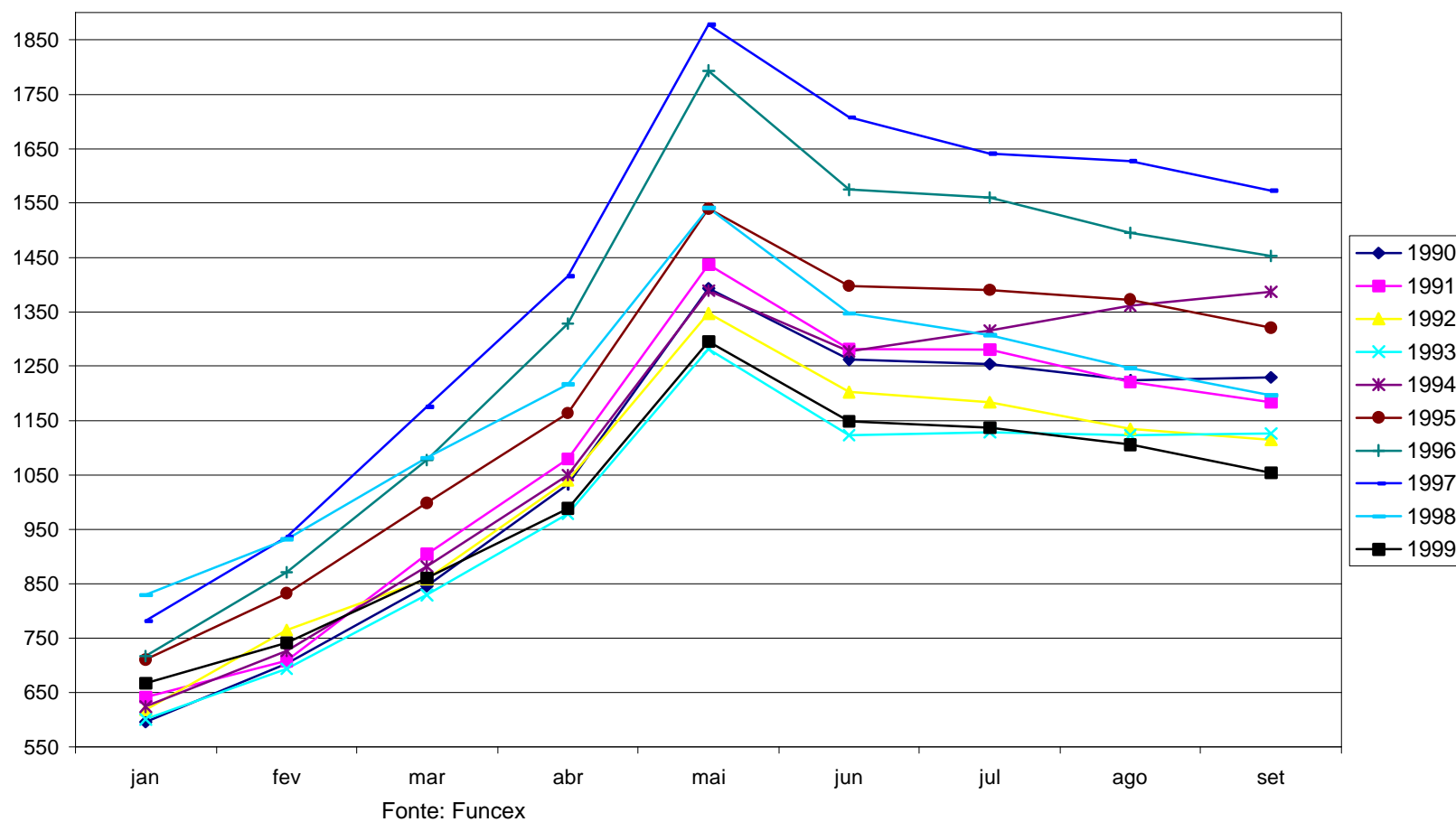


Gráfico 12: Valor exportado dos produtos básicos, obtido com as combinações do quantum de janeiro a setembro de 1999 com os preços: médio do respectivo mês no período 1990-1999; médio do período janeiro de 1990 a setembro de 1999; e o de 1999

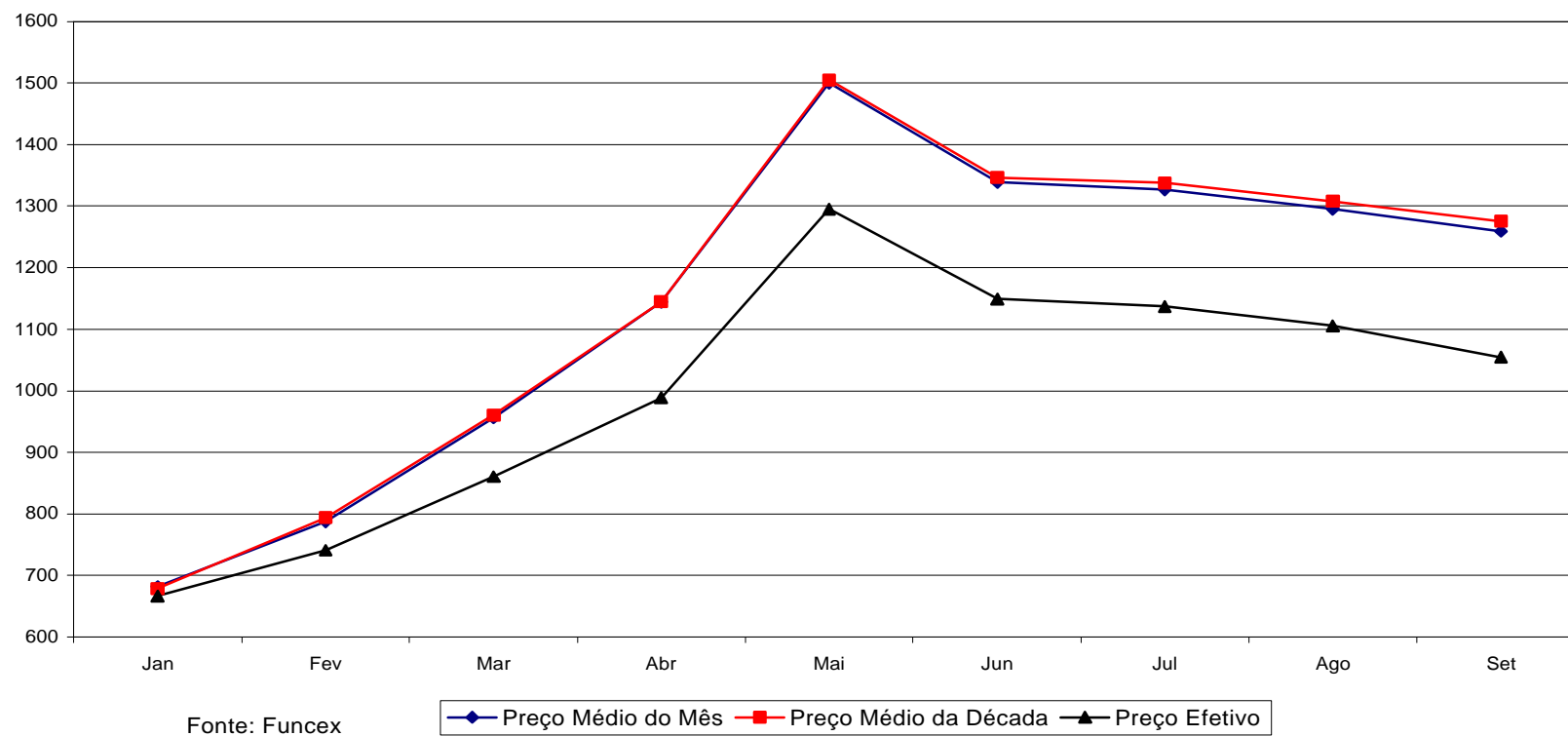
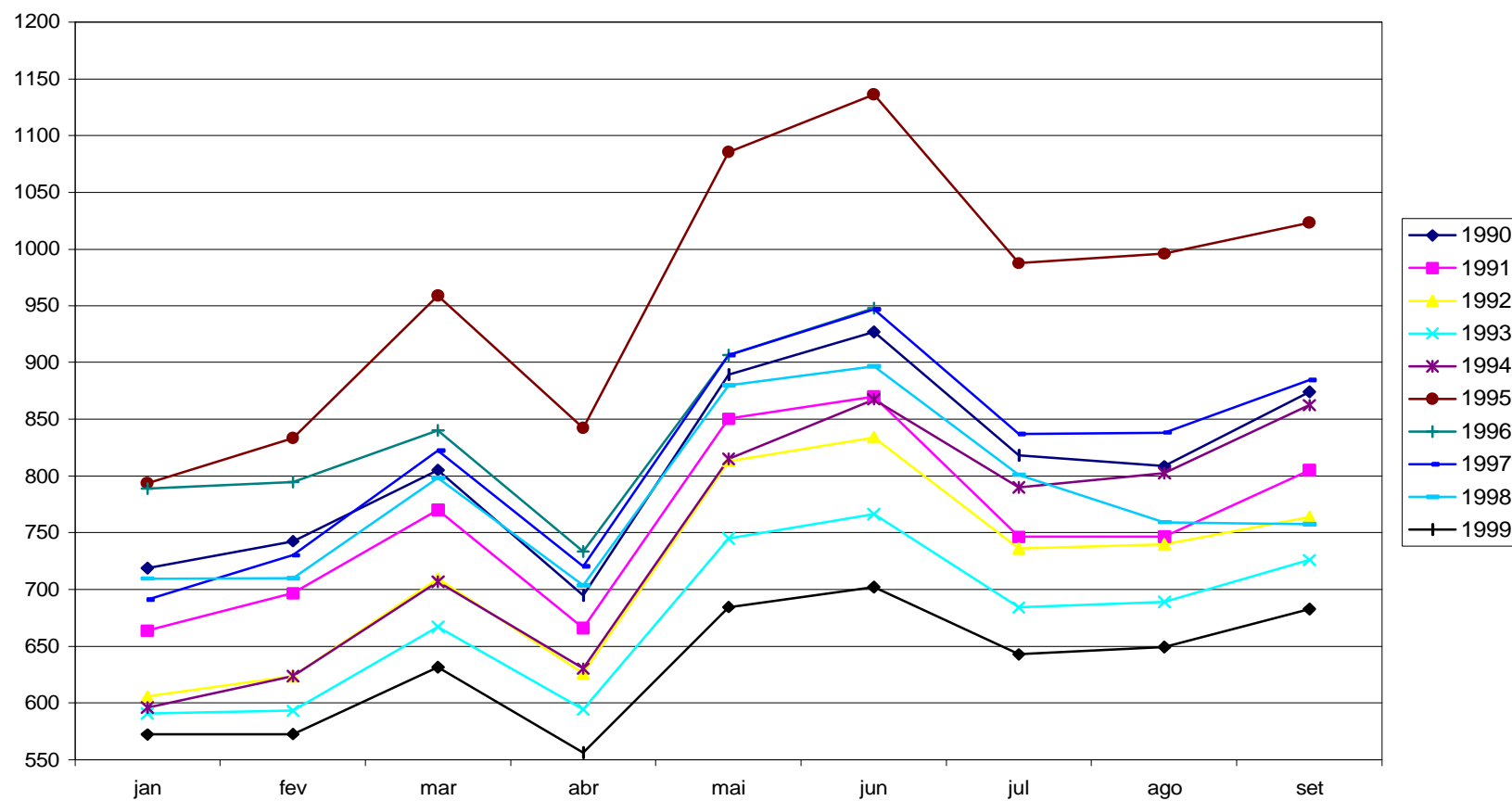


Gráfico 13: Valor exportado dos produtos semimanufaturados, obtido com a combinação do quantum de janeiro a setembro de 1999 com os preços dos respectivos meses no período 1990-1999



Fonte: Funcex

Gráfico 14: Valor exportado dos produtos semimanufaturados, obtido com as combinações do quantum de janeiro a setembro de 1999 com os preços: médio do respectivo mês no período 1990-1999; médio do período de janeiro de 1990 a setembro de 1999; e o de 1999

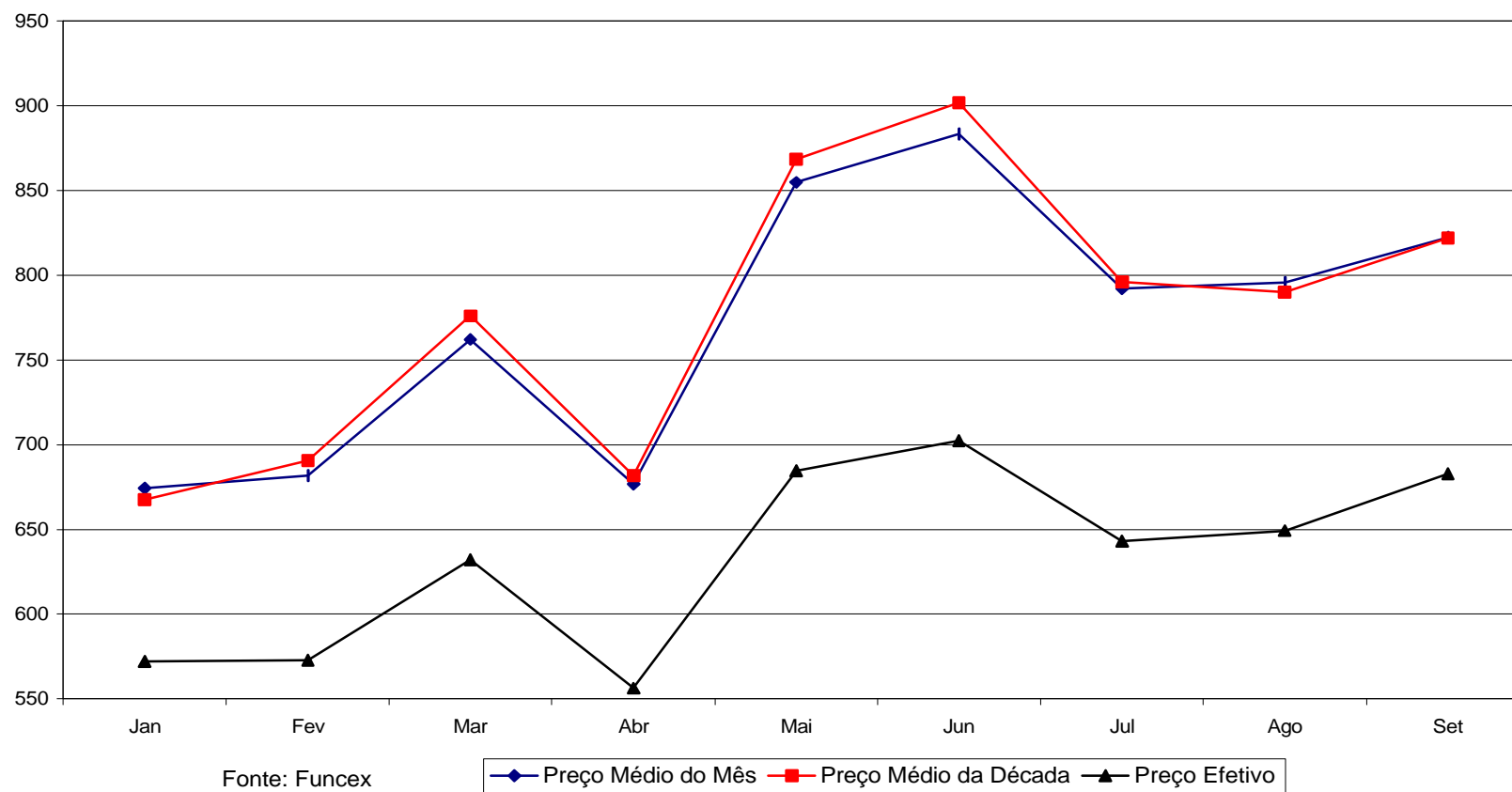
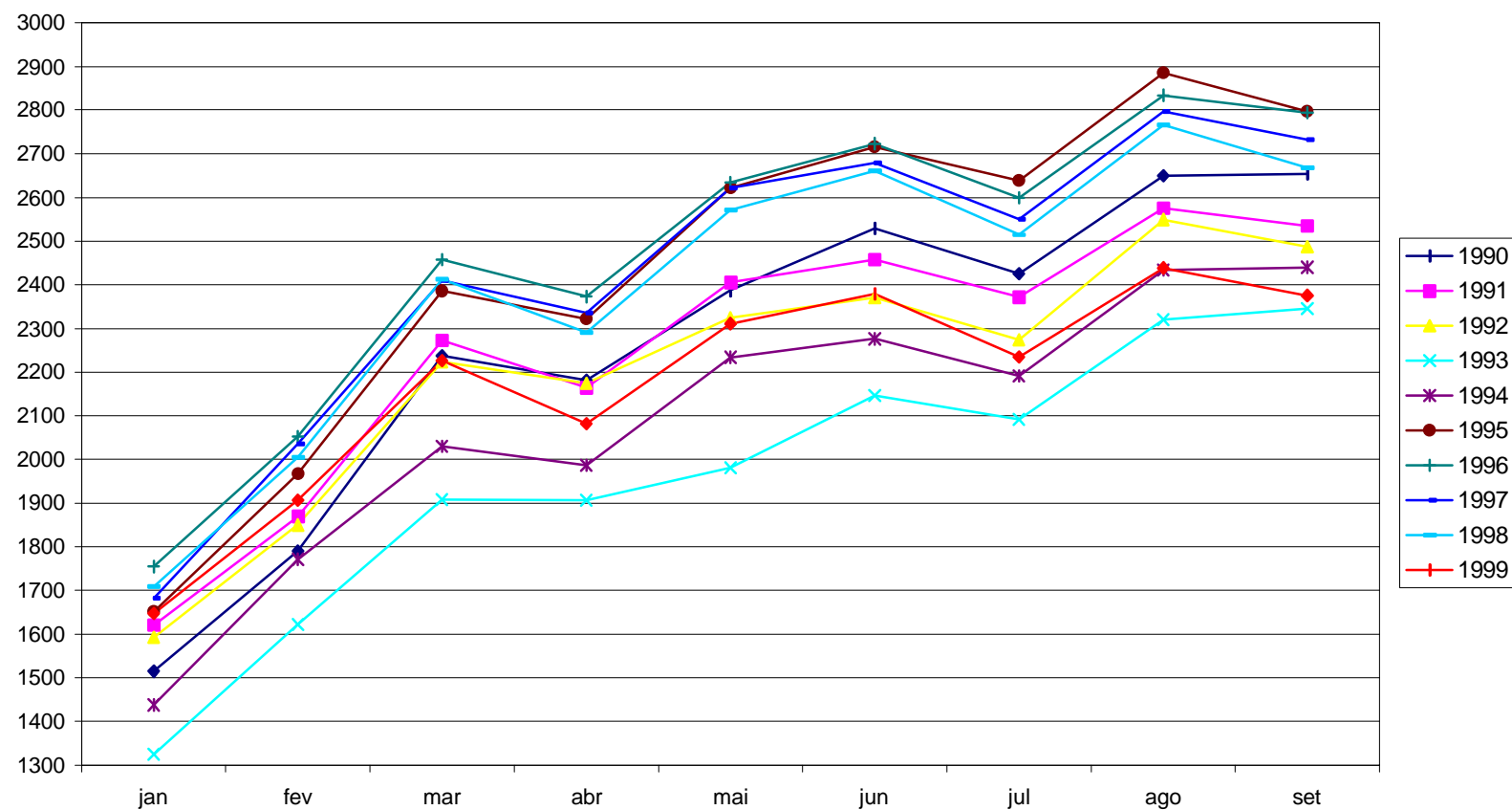


Gráfico 15: Valor exportado dos produtos manufaturados, obtido com a combinação do quantum de janeiro a setembro de 1999 com os preços dos respectivos meses no período 1990-1999



Fonte: Funcex

Gráfico 16: Valor exportado dos produtos manufaturados, obtido com as combinações do quantum de janeiro a setembro de 1999 com os preços: médio do respectivo mês no período 1990-1999; médio do período janeiro de 1990 a setembro de 1999; e o de 1999



IV.2. Comparação com 1983.

Muito já foi visto no que se refere a maxidesvalorização de janeiro de 1999, seus efeitos e o contexto em que ela se passou. Almeja-se a presente seção, fazer uma comparação com a maxidesvalorização de 1983, destacando similitudes e diferenças. Todavia, à guisa de melhor entendimento, faz-se necessário uma abordagem no contexto da época.

Com o fim do sistema de Bretton Woods, as taxas de câmbio passaram a flutuar. Nesse período, ocorreu o Primeiro Choque do Petróleo, isto é, países produtores de petróleo membros da Organização dos Países Produtores de Petróleo, decidiram conjuntamente aumentar o preço deste. Tal medida geraria deterioração do saldo em transação corrente e prováveis repiques inflacionários. Muitos países optaram pela criação de um ambiente interno recessivo, evitando tais conseqüências. O Brasil seguiu uma outra linha, buscando maior desenvolvimento, feito através do Plano Nacional de Desenvolvimento II. Tinha-se em mente que o déficit seria pago futuramente com o aumento da prosperidade advinda com o desenvolvimento que o plano propiciaria.

Ao final dos anos setenta, ocorreu o Segundo Choque do Petróleo. Países como o Brasil, tiveram seu saldo em transações correntes deteriorados ainda mais: o petróleo, importado, tinha seu preço aumentado em larga escala, ao passo que as commodities, exportadas, tinham seus preços reprimidos com a recessão que se instalou. Para piorar as coisas, os EUA aumentaram suas taxas de juros, minando o acesso ao capital estrangeiro para tais países. Em 1982, o México declarava sua moratória, cessando definitivamente o acesso ao capital externo.

Diante deste cenário, em fevereiro de 1983, promove-se no Brasil uma maxidesvalorização da moeda. Com a inflação contida, esta de fato ocorreu em termos reais. Vale a pena ressaltar que em 1979, o mesmo fora feito, mas uma elevada inflação eliminou os efeitos reais sobre o câmbio.

Conhecidos ambos contextos, o de 1983 e o de 1999, dar-se-ão comparações entre as duas maxidesvalorizações através de simulações. Três curvas são analisadas em cada gráfico: o valor exportado ocorrido em 1983 (1999); uma combinação do quantum de janeiro a dezembro de 1983 (janeiro a agosto para 1999) com os respectivos preços no ano de 1982 (1998); e uma combinação do quantum de janeiro a dezembro de 1983 (janeiro a agosto para 1999) com a média de preços de cada mês, ponderando-se pelo quantum, de 1978 até 1982 (1994 até 1998). As tabelas 3 e 4, que ajudam no entendimento dos gráficos mencionados, contêm: o valor exportado para cada uma das três curvas, a razão valor exportado a preços de 1982 (1998) sobre valor exportado efetivo em 1983 (1999) e a razão valor exportado a preços médios do período 1978-1982 (1994-1998) sobre o valor exportado no ano de 1983 (1999).

A curva do valor exportado para ambos períodos situa-se abaixo das outra duas, demonstrando que o efeito da mudança cambial teria sido mais proveitoso em anos anteriores, quando o cenário mundial era menos adverso (ver gráficos 17 e 18). Analisando tais gráficos, através da distância vertical entre as curvas, e as tabelas 3 e 4, pelas razões 01:03 e 02:03, é possível constatar que a maxidesvalorização de 1999 sofreu mais com o cenário internacional recessivo, havendo maior discrepância entre o valor exportado que ocorreu e o que teria se dado num contexto mais próspero.

No caso dos básicos, as condições enfrentadas em 1999 foram mais desfavoráveis, estando a curva efetiva abaixo das demais (ver gráfico 20). Já para 1983, a diferença das três curvas não é tão acentuada, sendo que o valor exportado efetivo em 1983 supera aquele medido a preços de 1982 a partir de meados de julho (ver gráfico 19).

Para 1983, os semimanufaturados estiveram bem abaixo da média 1978-1982, mostrando a adversidade do mercado em 1983 (ver gráfico 21). Em relação a 1982, a curva efetiva é superior desde meados de agosto. Em 1999, a discrepância entre a curva efetiva e as outras é enorme (ver gráfico 22). A preços de 1998 e a preços médios de 1994-1998, o valor exportado seria cerca de 25% e 30% superiores, mostrando o quão deteriorado é encontrado, em se tratando de preços, tal mercado, atualmente.

Para os manufaturados, as curvas efetivas para 1983 e 1999 estão, num geral situadas abaixo das outras tomadas como base de comparação, porém, não havendo grandes distorções entre ambos períodos ao se comparar as razões 01:03 e 02:03 (ver gráfico 23 e 24).

A observação de dados (Funcex) deixa transparecer que no período imediatamente após a desvalorização, o impacto sobre o quantum foi bem maior em 1999, porém, neste mesmo período a retração do nível de preços foi grande, inibindo o impacto sobre o valor exportado. Em verdade, os dados para 1983, não apontam significativas alterações no quantum e no nível de preços, como se deu em 1999 (vale ressaltar que o cenário internacional em 1983 estava retraído, e por isso, os efeitos da desvalorização só tiveram, efetivamente, impacto em 1984). As razões 01:03 e 02:03 das tabelas 3 e 4 mostram que o ano de 1999 sofreu relativamente mais com a retração dos preços.

Nas páginas seguintes, estão os gráficos de 17 a 24 e logo abaixo, as tabelas 3 e 4, acima debatidas.

Tabela 3: Valor exportado total e dos produtos básicos, semimanufaturados e manufaturados, obtido através das combinações do quantum de 1983 com os preços: de 1982; médios entre 1978 e 1982; e de 1983, inclusas comparações dos resultados obtidos (em percentagem).
Fonte: Funcex.

A preços :	Total	Básicos	Semimanufaturados	Manufaturados
01; De 1982	23007	8640	10647	22062
02: De 1978/82	23471	9024	12660	21186
03:De 1983	21862	8308	10211	20333
01:03	105	102	106	108
02:03	107	108	125	104

Tabela 4: Valor exportado total e dos produtos básicos, semimanufaturados e manufaturados, obtido através das combinações do quantum de janeiro a setembro de 1999 com os preços: de 1998; médios entre 1994 e 1998 e de 1999, inclusas comparações dos resultados obtidos (em percentagem). Fonte: Funcex.

A preços :	Total	Básicos	Semimanufaturados	Manufaturados
01; De 1998	40033	10698	7018	21596
02: De 1994/98	40652	11226	7451	21246
03:De 1999	34800	9000	5695	19600
01:03	114	120	123	110
02:03	116	124	131	108

Gráfico 17: Valor exportado total, obtido com as combinações do quantum de 1983 com os preços: de 1982; médio de cada mês entre 1978 e 1982; e de 1983.

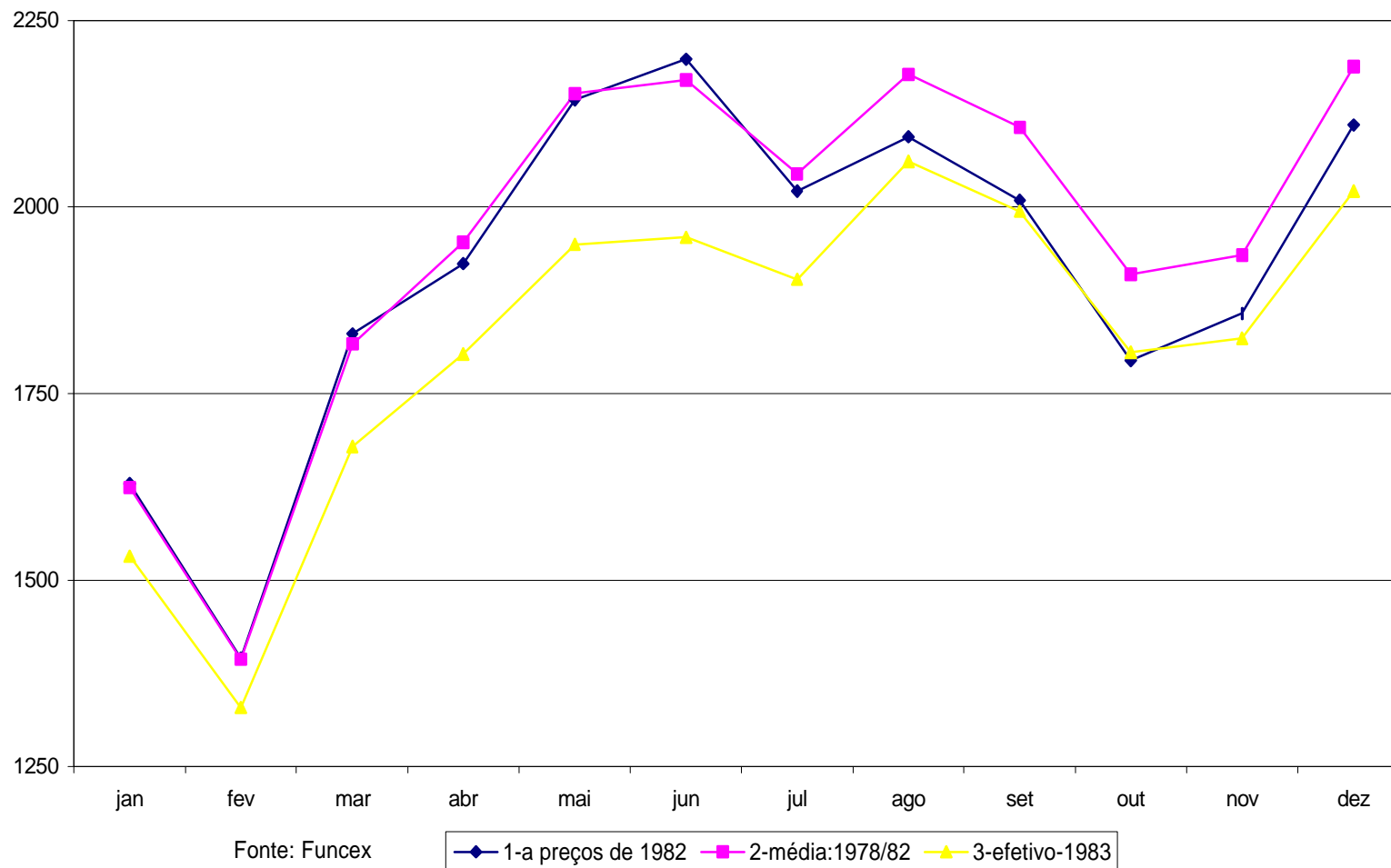


Gráfico 18: Valor exportado total, obtido com as combinações do quantum de janeiro a setembro de 1999 com os preços: de 1998; médio de cada mês entre 1994 e 1998; e de 1999

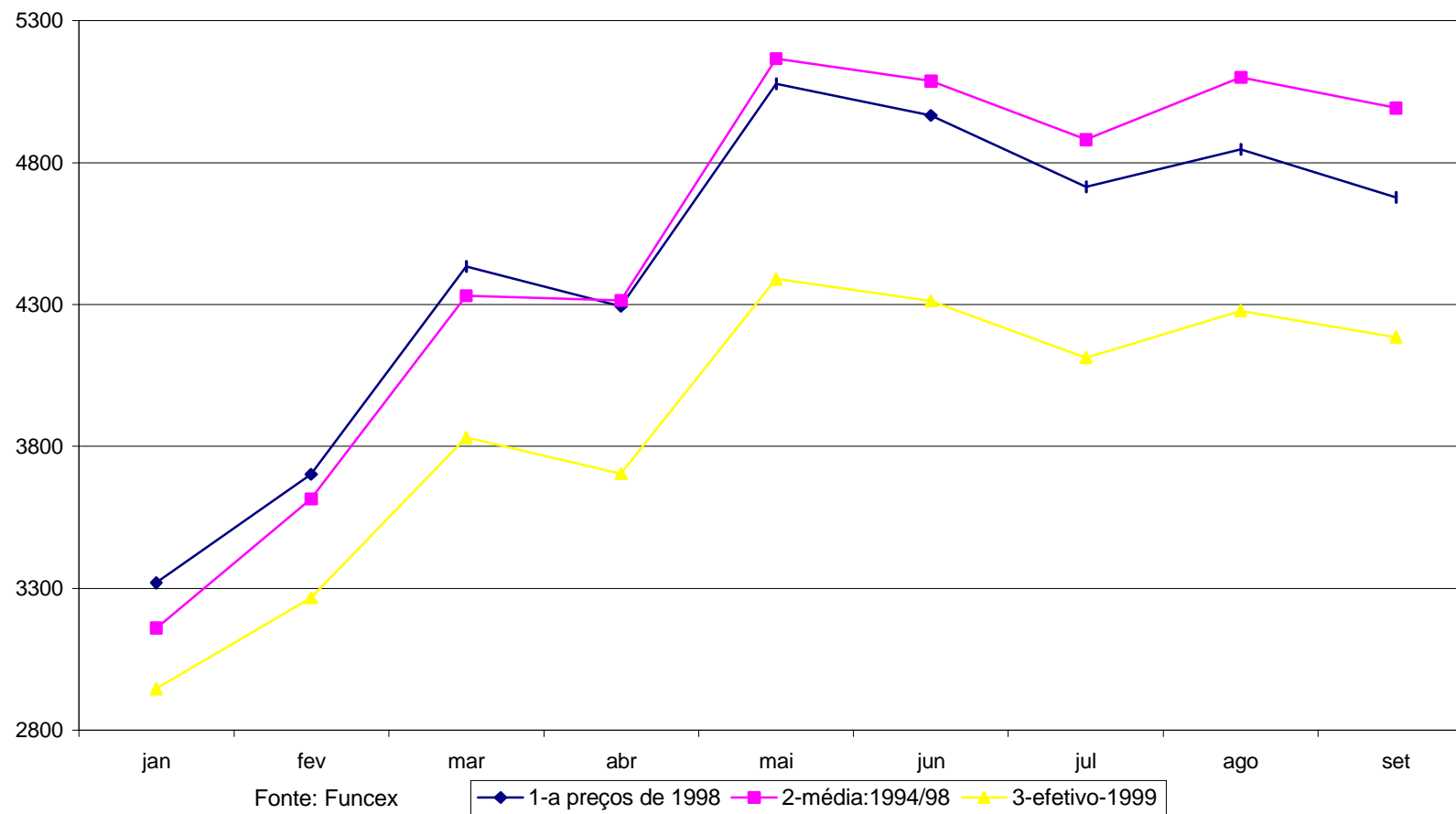


Gráfico 19: Valor exportado dos produtos básicos, obtido com as combinações do quantum de 1983 com os preços: de 1982; médio de cada mês entre 1978 e 1982; e de 1983

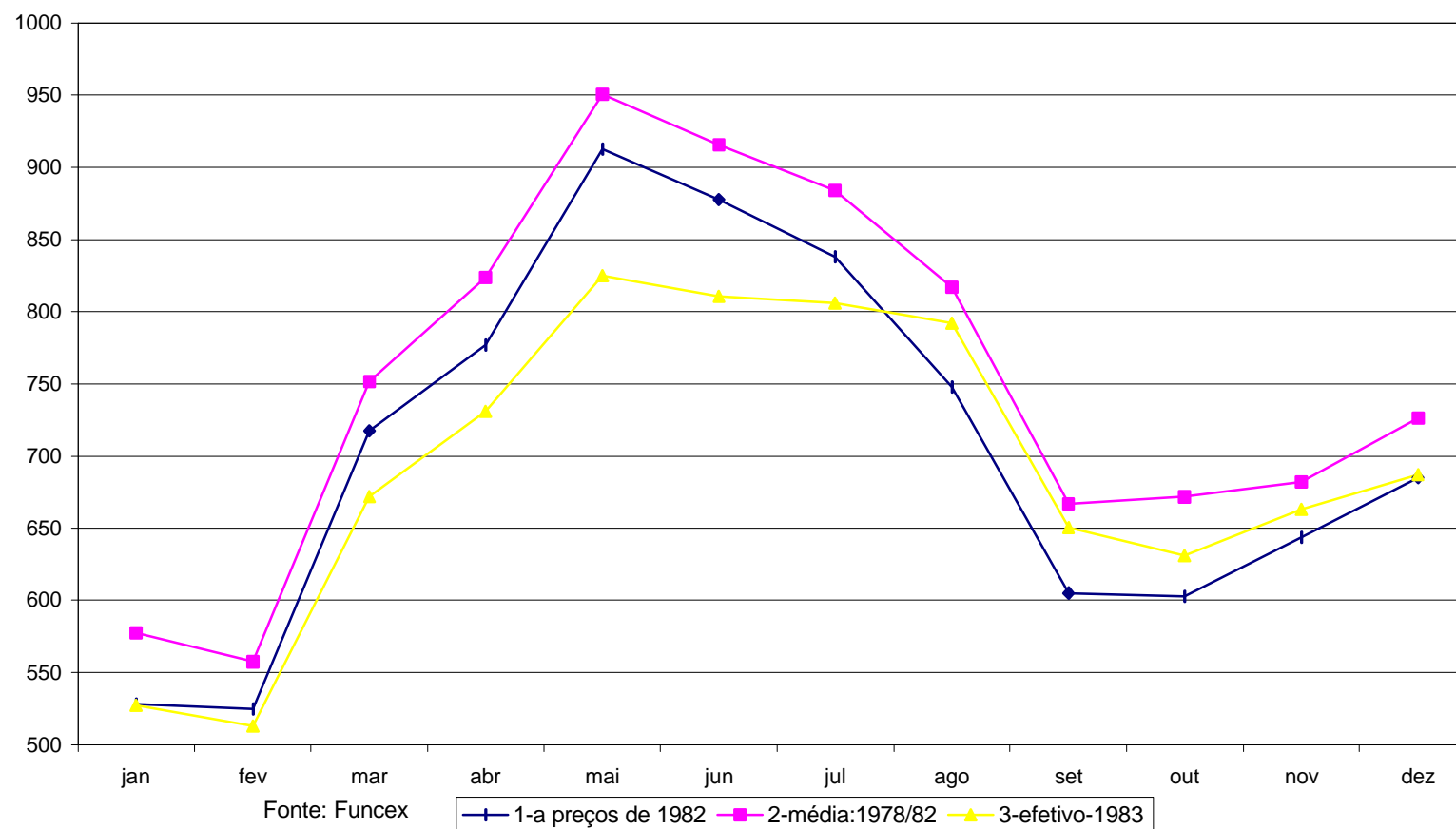


Gráfico 20: Valor exportado dos produtos básicos, obtido com as combinações do quantum de janeiro a setembro de 1999 com os preços: de 1998; médio de cada mês entre 1994 e 1998; e de 1999

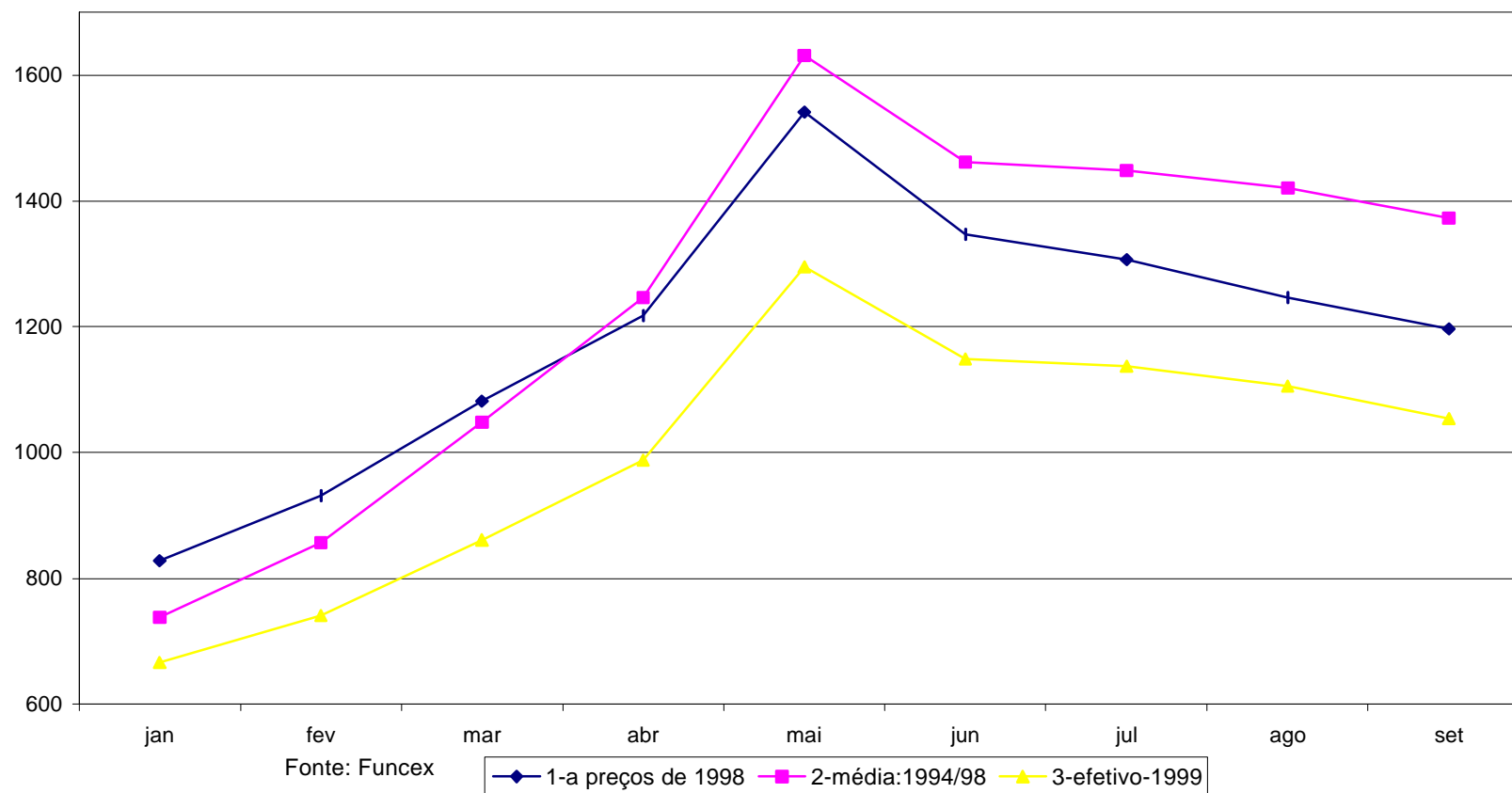


Gráfico 21: Valor exportado dos produtos semimanufaturados, obtido com as combinações do quantum de 1983 com os preços: de 1982; médio de cada mês entre 1978 e 1982; e de 1983

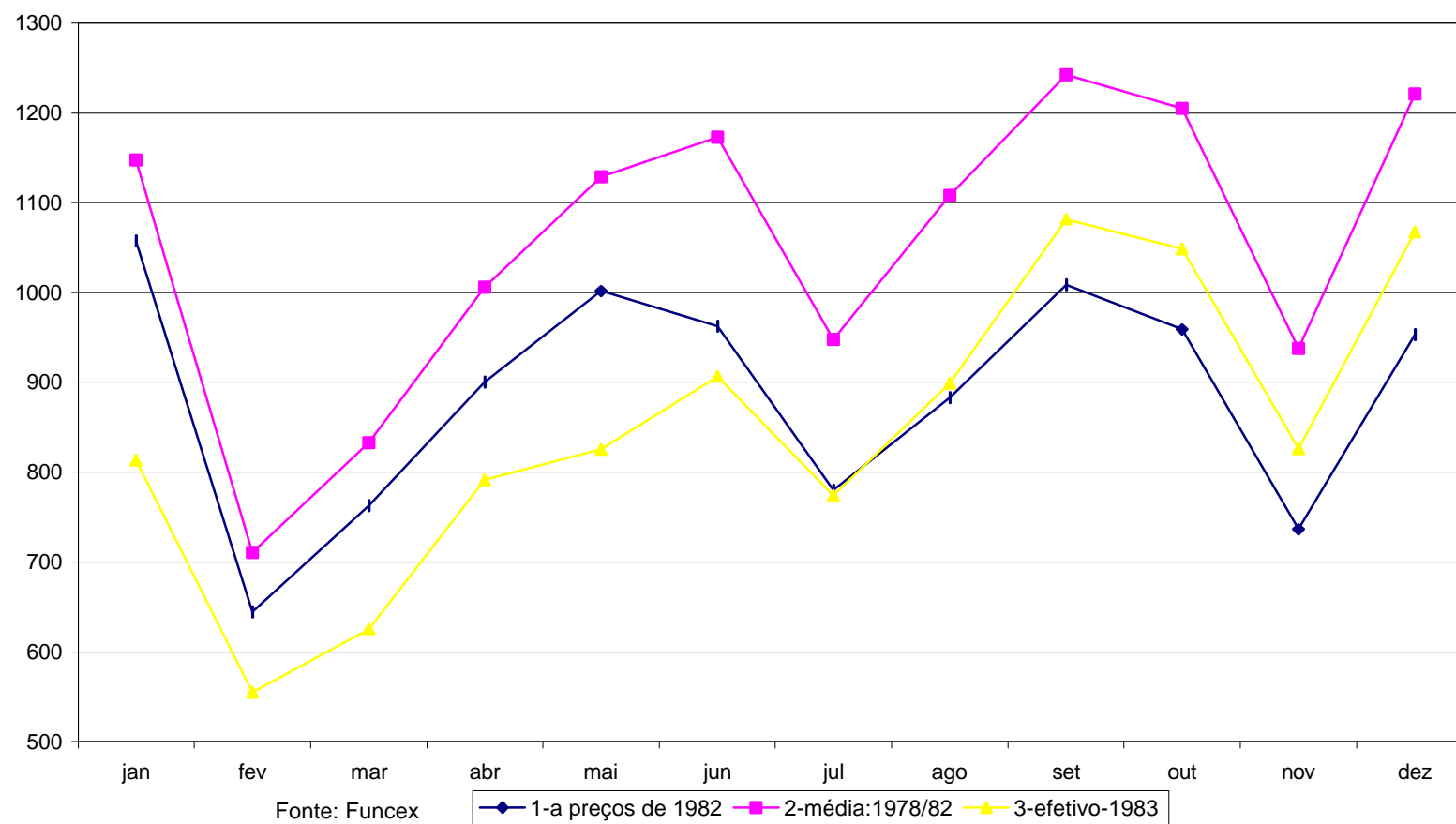


Gráfico 22: Valor exportado dos produtos semimanufaturados, obtido com as combinações do quantum de janeiro a setembro de 1999 com os preços: de 1998; médio de cada mês entre 1994 e 1998; e de 1999

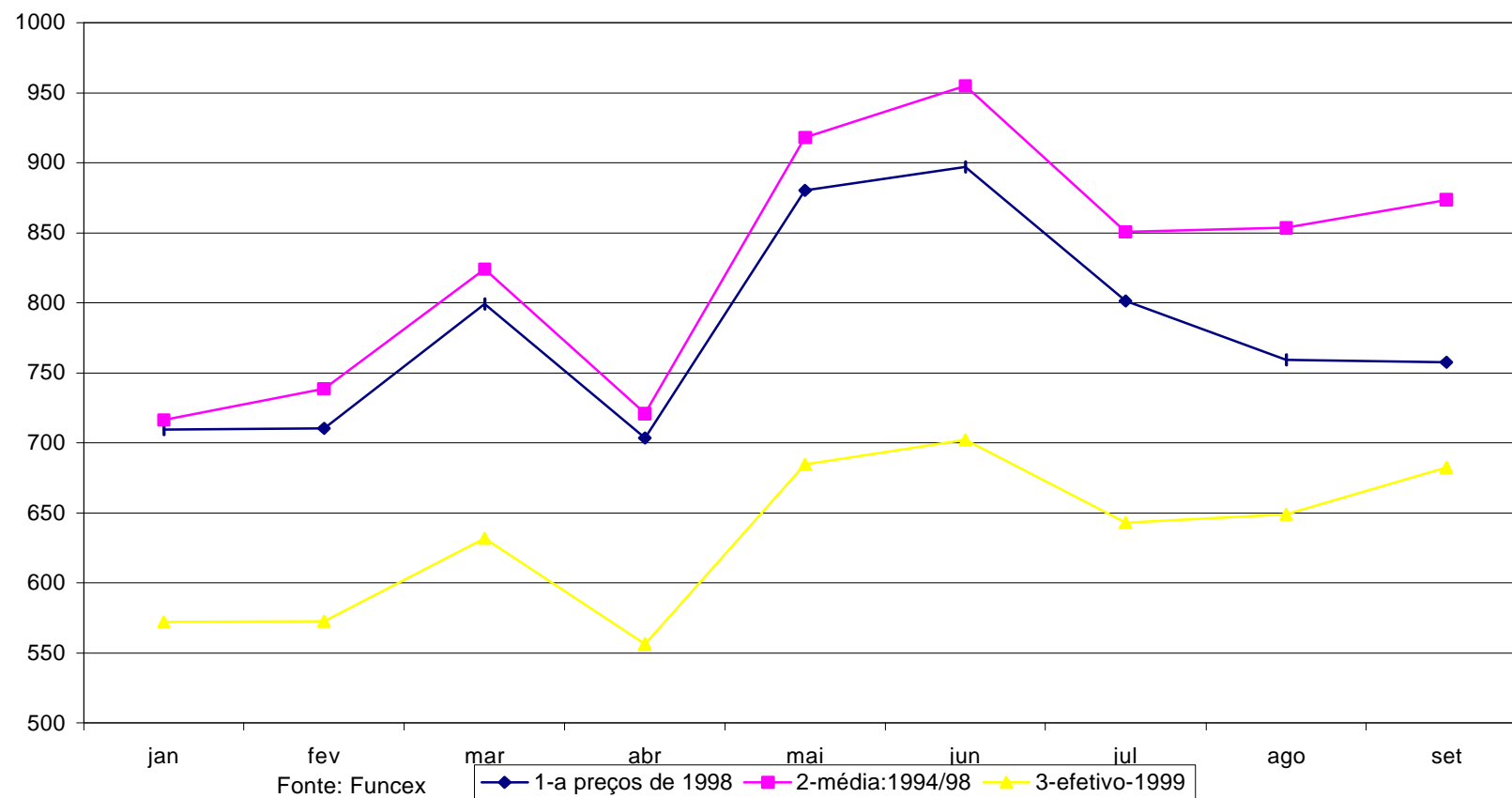


Gráfico 23: Valor exportado dos produtos manufaturados, obtido com as combinações do quantum de 1983 com os preços: de 1982; médio de cada mês entre 1978 e 1982; e de 1983.

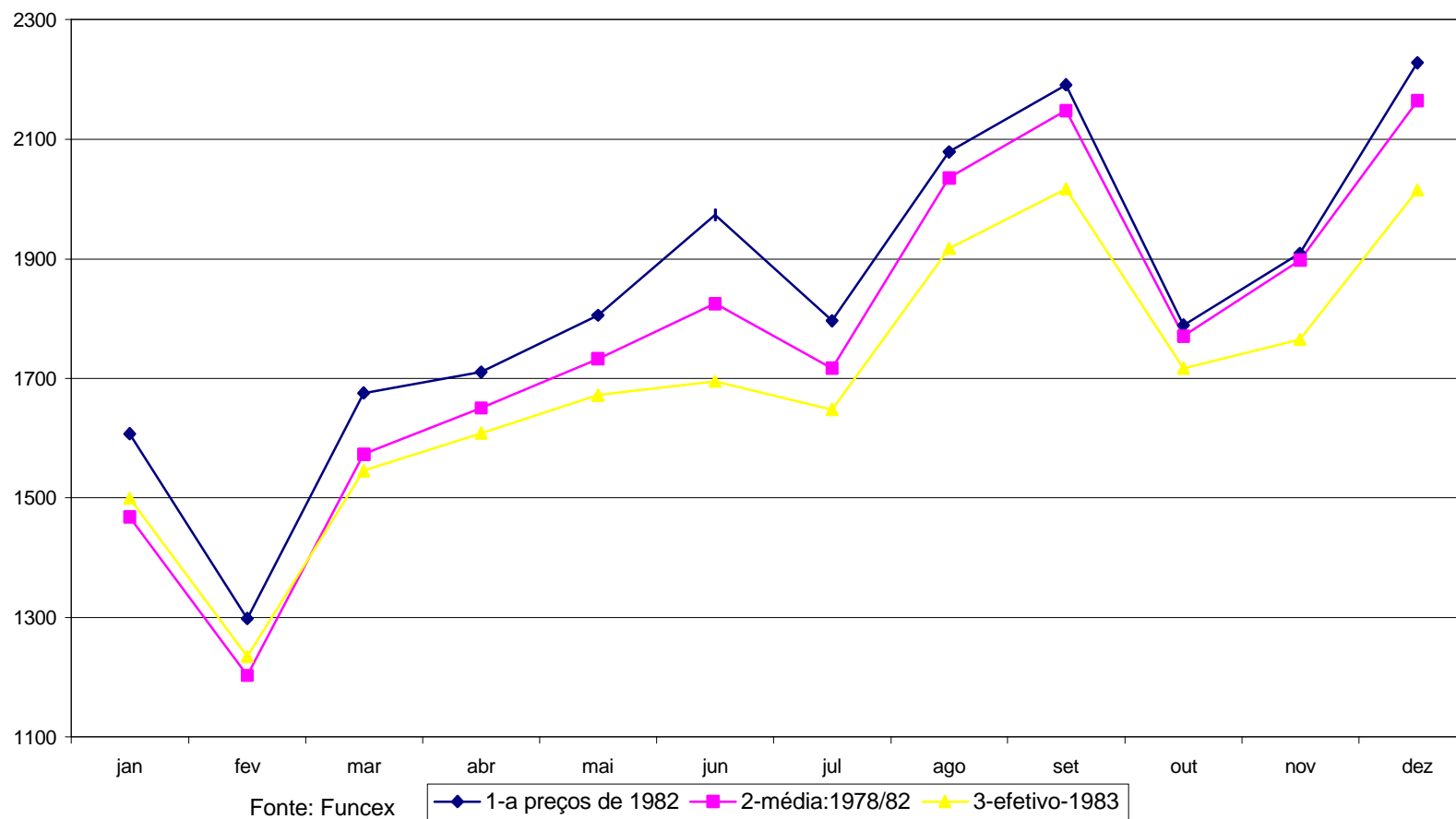
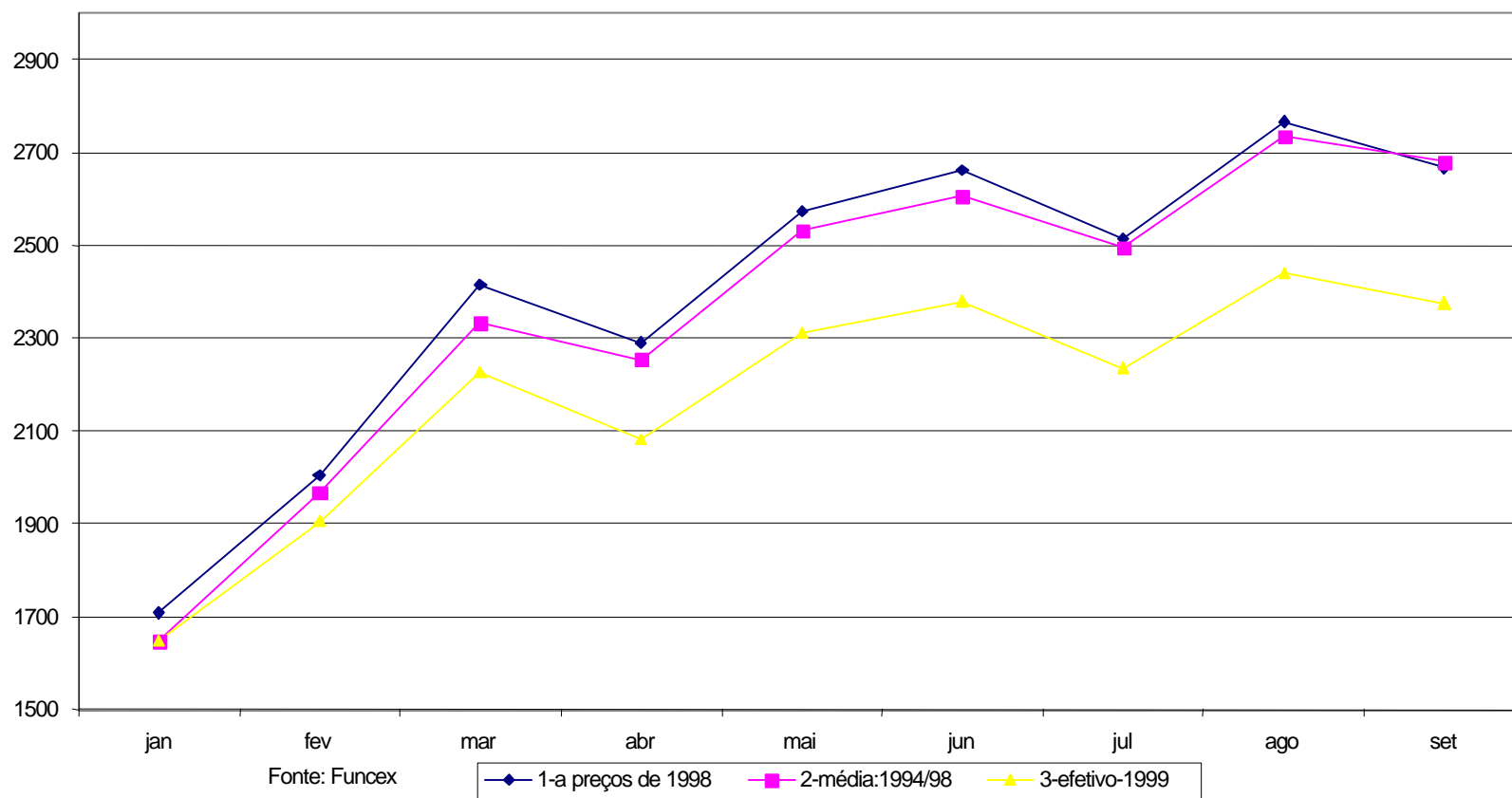


Gráfico 24: Valor exortado dos produtos manufaturados, obtido com as combinações do quantum de janeiro a setembro de 1999 com os preços: de 1998; médio de cada mês entre 1994 e 1998; e de 1999



V. Perspectivas para a balança comercial no ano 2000.

A balança comercial de um país mostra sua posição econômica no cenário global, em se tratando de comércio internacional, deixando transparecer sua necessidade de financiamento externo, isto é, o montante de capital externo que tem de ser atraído.

No caso brasileiro, a recente e abrupta abertura comercial, diante de uma moeda relativamente apreciada, fez com que o país se deparasse com déficits comerciais nos últimos anos. Entretanto a má desvalorização do Real gerou perspectivas de uma mudança no quadro, voltando este a ser superavitário. Isto, não se consumou, sobretudo em função do cenário internacional adverso, melhor explicado em capítulos anteriores. No presente capítulo far-se-ão estimativas para a balança comercial para 1999 e 2000, detalhando a metodologia adotada.

A desvalorização resultou num considerável aumento do quantum exportado. Entretanto há uma certa defasagem entre a perda de valor da moeda e seus efeitos sobre as exportações. Daí, espera-se que o quantum siga sua trajetória ascendente, inclusive, obtendo taxas de crescimento ainda maiores em 2000.

Já os efeitos da desvalorização sobre o quantum importado, sentiram-se mais rapidamente. Tem-se em mente que o quantum importado já atingiu seu nível mínimo, voltando a crescer a partir de agora em linha com o crescimento das importações dos países em desenvolvimento.

Os preços dos principais produtos da pauta brasileira de exportações estiveram deprimidos em 1999 devido à recessão mundial. No caso das importações, o petróleo, produto que o Brasil importa bastante, teve seu preço acrescido em 1999, sendo o maior dos últimos três anos. Ambos fatos contribuíram para a piora da balança comercial de 1999. A perspectiva é que o efeito recessivo causado pelas recentes crises de amplitude mundial comece a se enfraquecer, de sorte que preços das exportações e importações subam no ano vindouro.

Assim tanto o valor exportado quanto o importado aumentariam em 2000, 19,7% e 6,4% em relação a 1999, respectivamente, propiciando ao Brasil um saldo positivo em sua balança comercial: de -1,561 em 1999 para 4,894 bilhões de dólares em 2000.

A metodologia de cálculo adotada, minuciosamente descrita a seguir, foi elaborada com base em fundamentos estatísticos e econômicos, tendo sido necessário o fazimento de ajustes no quantum e nos preços, em alguns casos, afim de adequar os resultados as perspectivas em consenso no mercado e perante o governo.

As exportações foram desmembradas em produtos básicos, semimanufaturados e manufaturados. O índice de preço utilizado, foi o preço médio de cada mês de 1990 até 1997 (outubro, novembro e dezembro para 1999 e janeiro a dezembro para 2000). O ano de 1998 não entrou no cálculo por ter sido atípico. O quantum para o último trimestre de 1999, foi obtido através de regra de três após ter-se observado a sazonalidade do período em questão, de 1990 até 1998. Posteriormente acrescentou-se um crescimento de 15% ao quantum no período para sintonizar o resultado com aquele em consenso no mercado. No que se refere ao quantum em 2000, supôs-se que a taxa de crescimento

1999/1998 se repetiria em 2000/1999, acrescentando-se ainda um crescimento, via regra de três, das taxas de crescimento esperadas das exportações para 1999 e 2000, respectivamente, 2,4% e 5,6% (World Economic Outlook).

No caso das importações, foram utilizados: bens de capital, intermediários, bens de consumo duráveis, bens de consumo não duráveis e combustíveis. O índice de preço foi calculado da seguinte maneira: preço de outubro de 1999 (idem para novembro e dezembro) é igual ao preço de 1998 vezes a razão- soma dos índices de preço de janeiro a setembro de 1999/ soma dos índices de preço de janeiro a setembro de 1998. Para o ano 2000, os preços de cada mês é o preço médio do respectivo mês de 1990 até 1997, mais acréscimo de 10% para se ajustar as estimativas do mercado. O quantum de 1999 para o quarto trimestre do ano foi calculado obtendo-se a sazonalidade do período, utilizando-se dados (Funcex) de 1990 até 1998, incrementando-se um crescimento de 5%. Em 2000, supôs-se que o crescimento de 1999/1998 se repetiria em 2000/1999. Em seguida, adicionou-se, via regra de três, as taxas de crescimento das importações esperadas para os países em vias de desenvolvimento para 1999 e 2000, respectivamente, 1,1% e 7,2% (WEO); mais um crescimento de 7% para ajustar-se as estimativas consensuais do mercado.

Na página seguinte está a tabela 5 com os valores exportados e importados, divididos por categorias, para o biênio 1999/2000, e os respectivos saldos comerciais. Nas próximas páginas, seguem gráficos por setores, de exportação e importação, desde 1990 até 2000 que mostram a evolução do valor exportado/importado em tal período, inclusas as perspectivas para 1999 e 2000 (gráficos de 25 a32).

Tabela 5: Perspectivas para as exportações e importações, por setores, para 1999 e 2000, e o saldo comercial para ambos períodos. Fonte: Funex e WEO

Valor exportado	1999	2000
Básicos	12.706	16.225
Semimanufaturados	8.568	12.209
Manufaturados	27.936	30.474
Total	49.210	58.908
Valor importado	1999	2000
Bens de capital	11.322	10.437
Intermediários	28.052	31.899
BC duráveis	2.043	1.232
BC não duráveis	4.893	4.298
Combustíveis	4.461	6.148
Total	50.771	54.014
Saldo comercial	-1.561	4.894

US\$ bilhões FOB

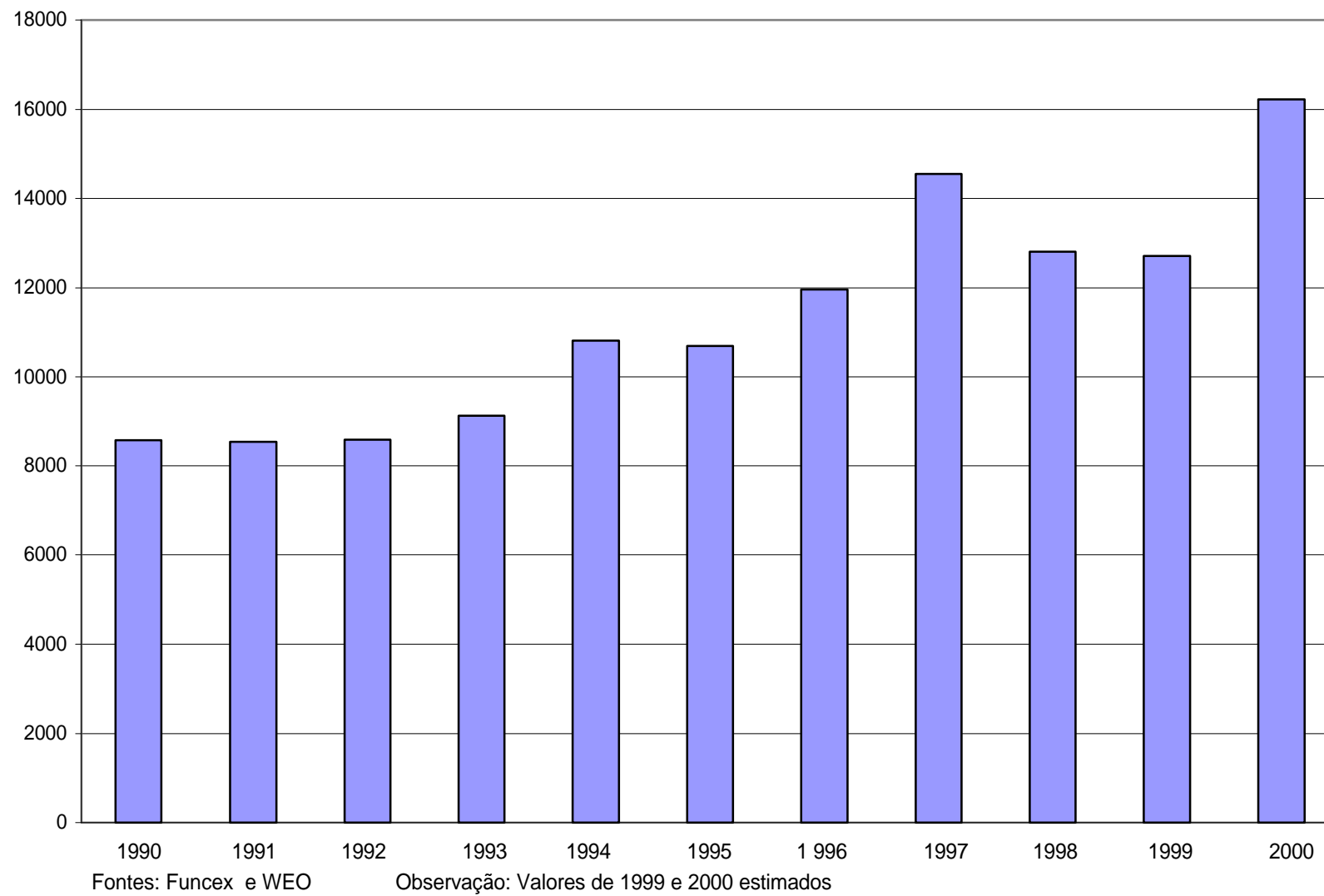
Gráfico 25: Valor exportado dos produtos básicos de 1990 até 2000

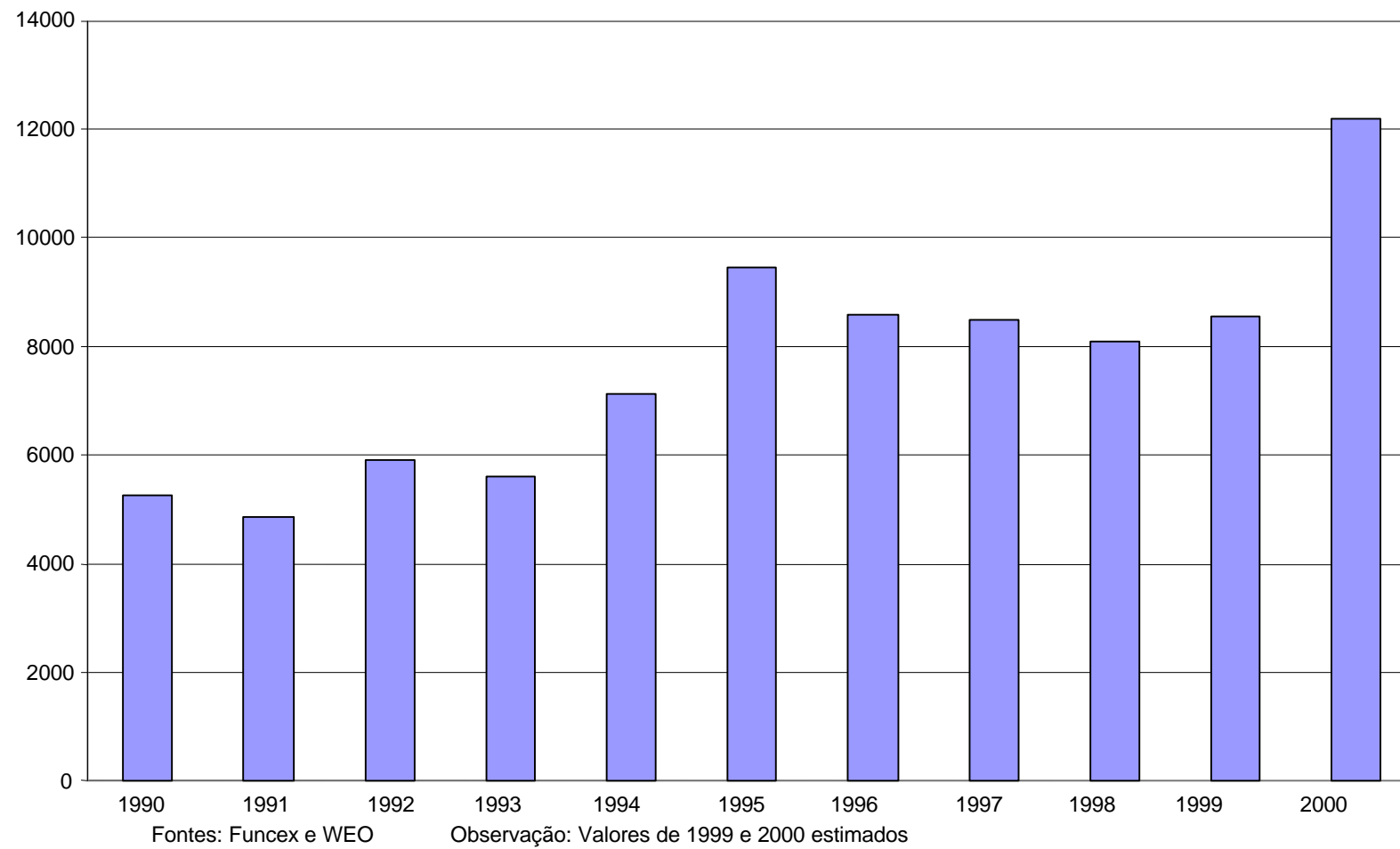
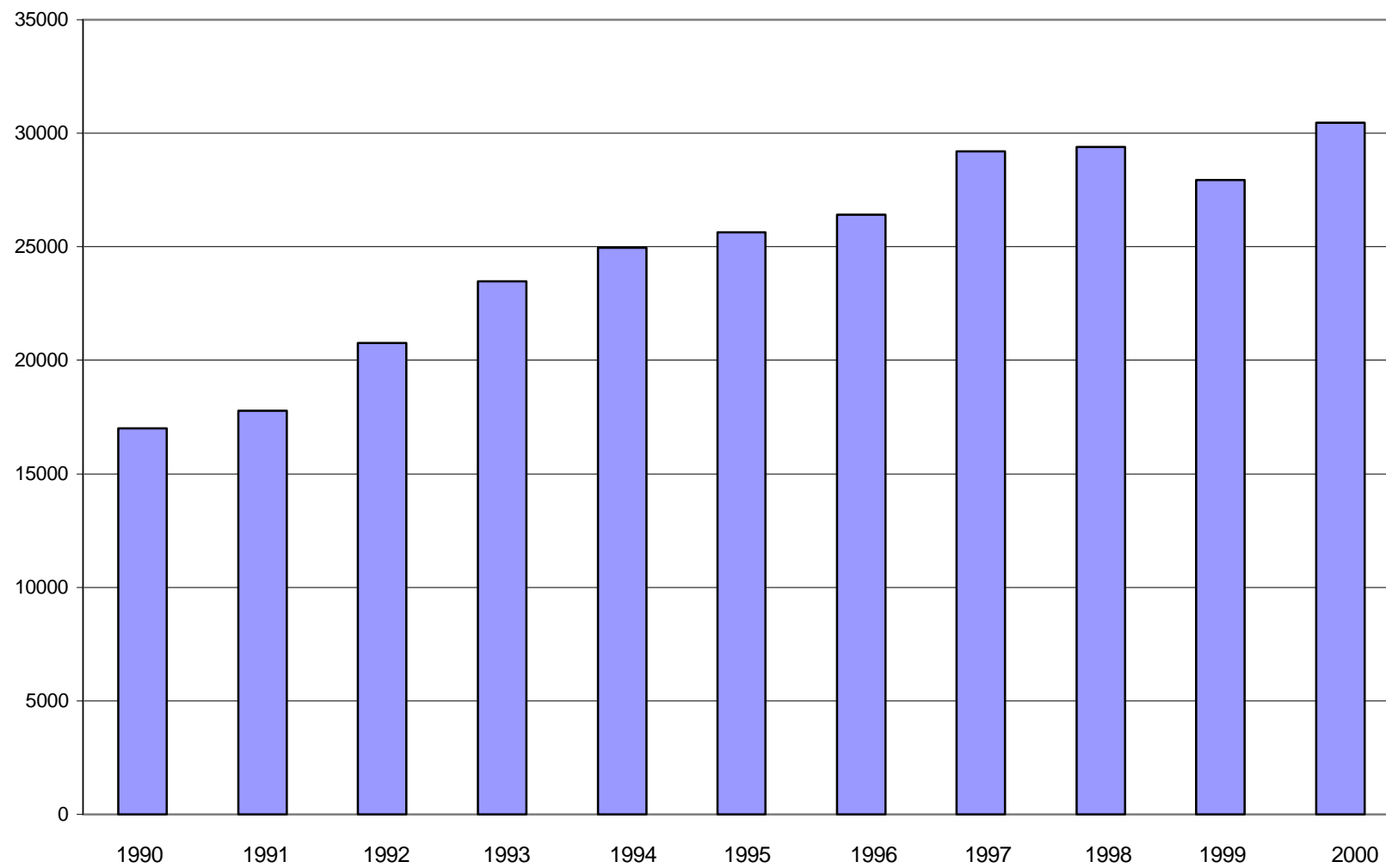
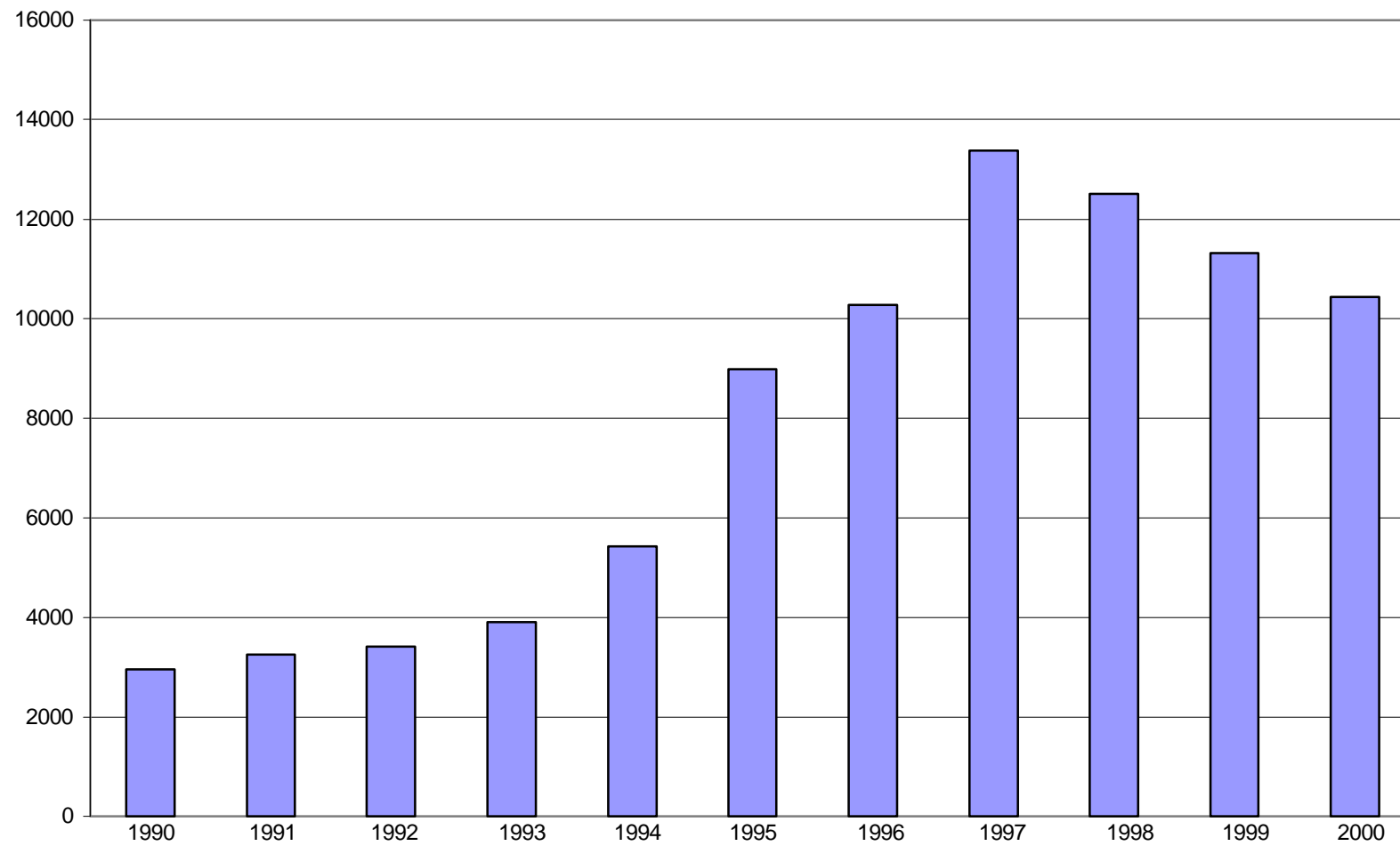
Gráfico 26: Valor exportado dos produtos semimanufaturados de 1990 a 2000

Gráfico 27: Valor exportado dos produtos manufaturados de 1990 a 2000

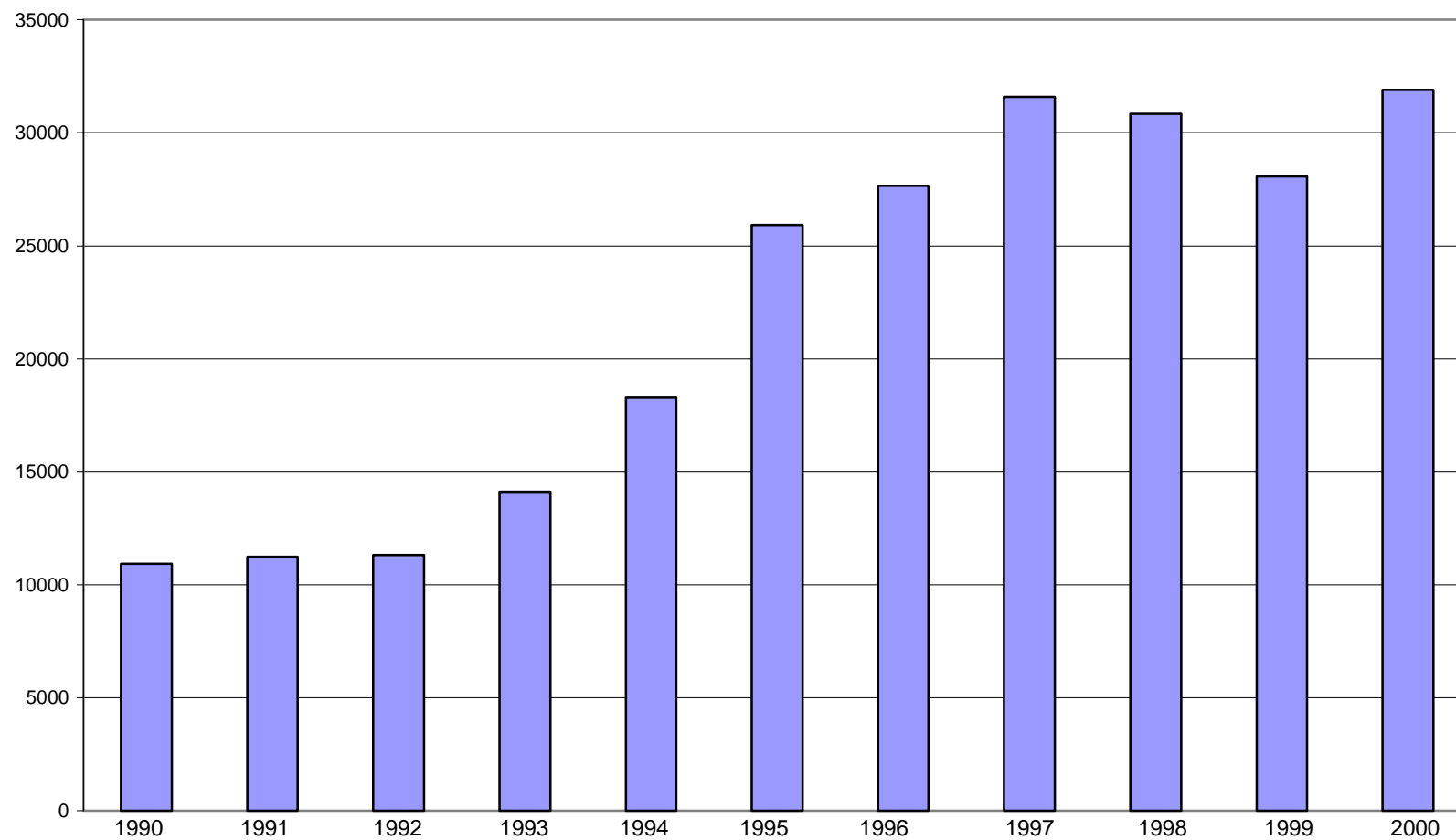
Fonte: Funcex e WEO

Observação: valores de 1999 e 2000 estimados

Gráfico 28: Valor importado dos bens de capital de 1990 e 2000

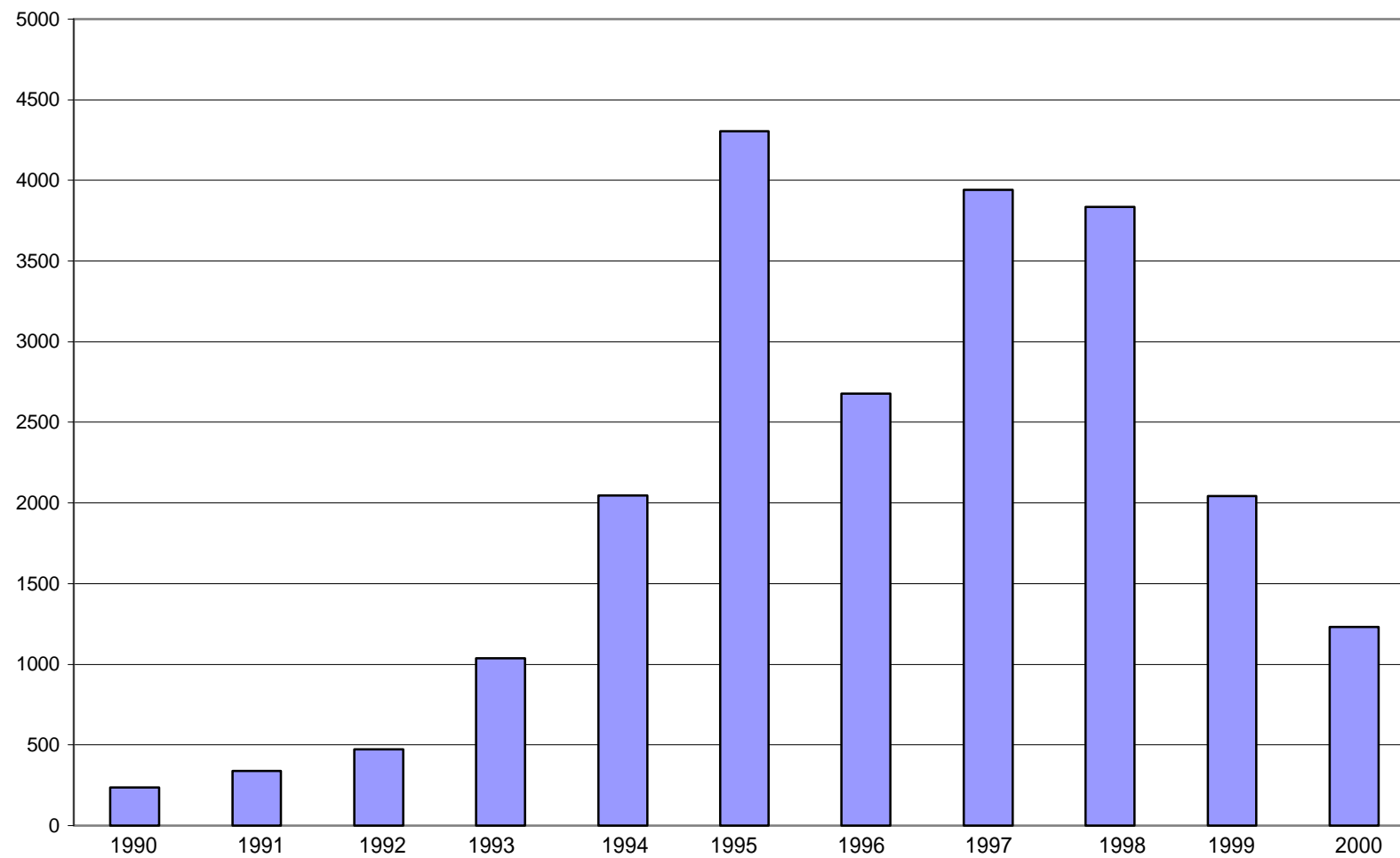
Fontes: Funcex e WEO

Observação: Valores de 1999 e 2000 estimados

Gráfico 29: Valor importado dos bens intermediários de 1990 a 2000

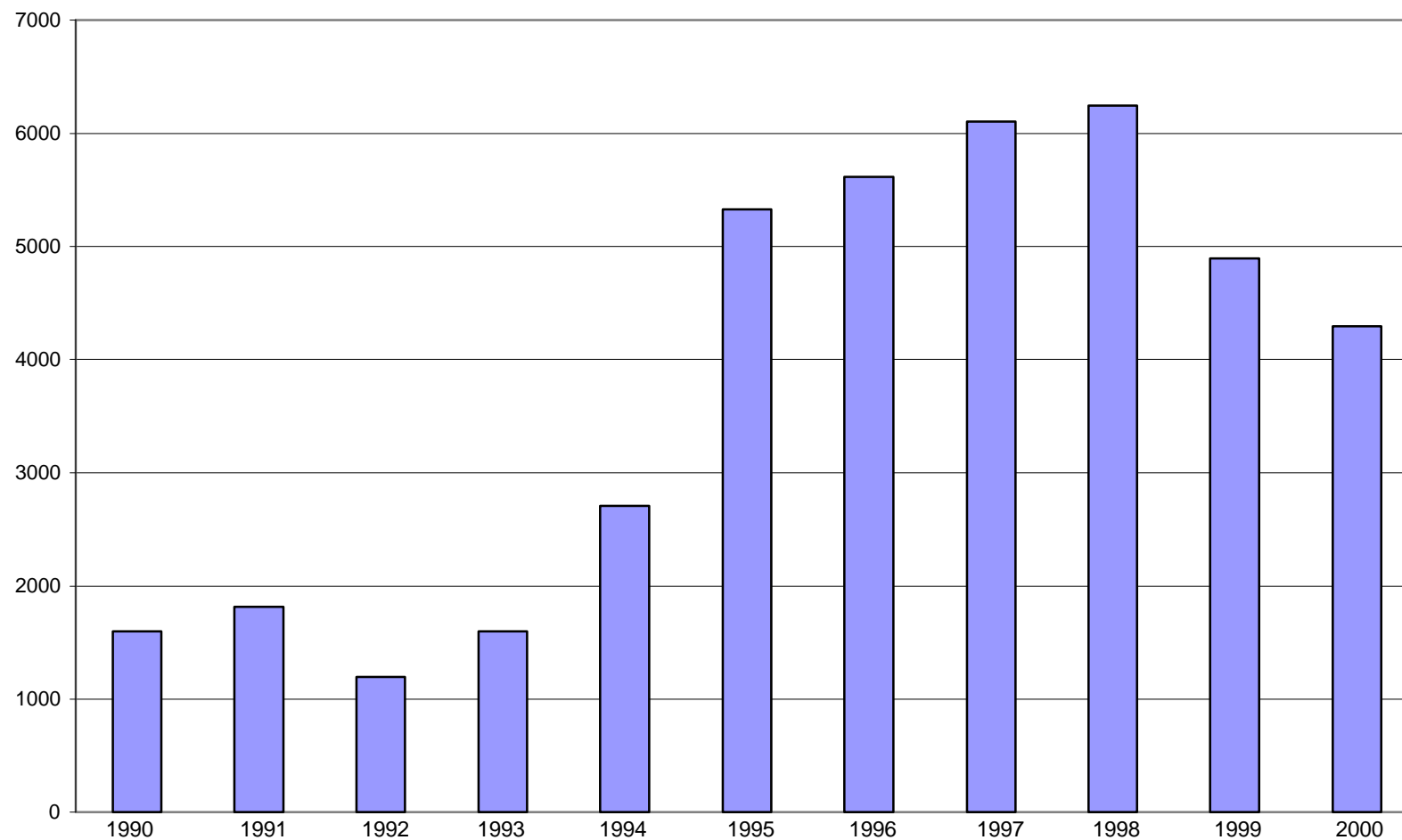
Fonte: Funcex e WEO

Observação: Valores de 1999 e 2000 estimados

Gráfico 30: Valor importado dos bens de consumo duráveis de 1990 a 2000

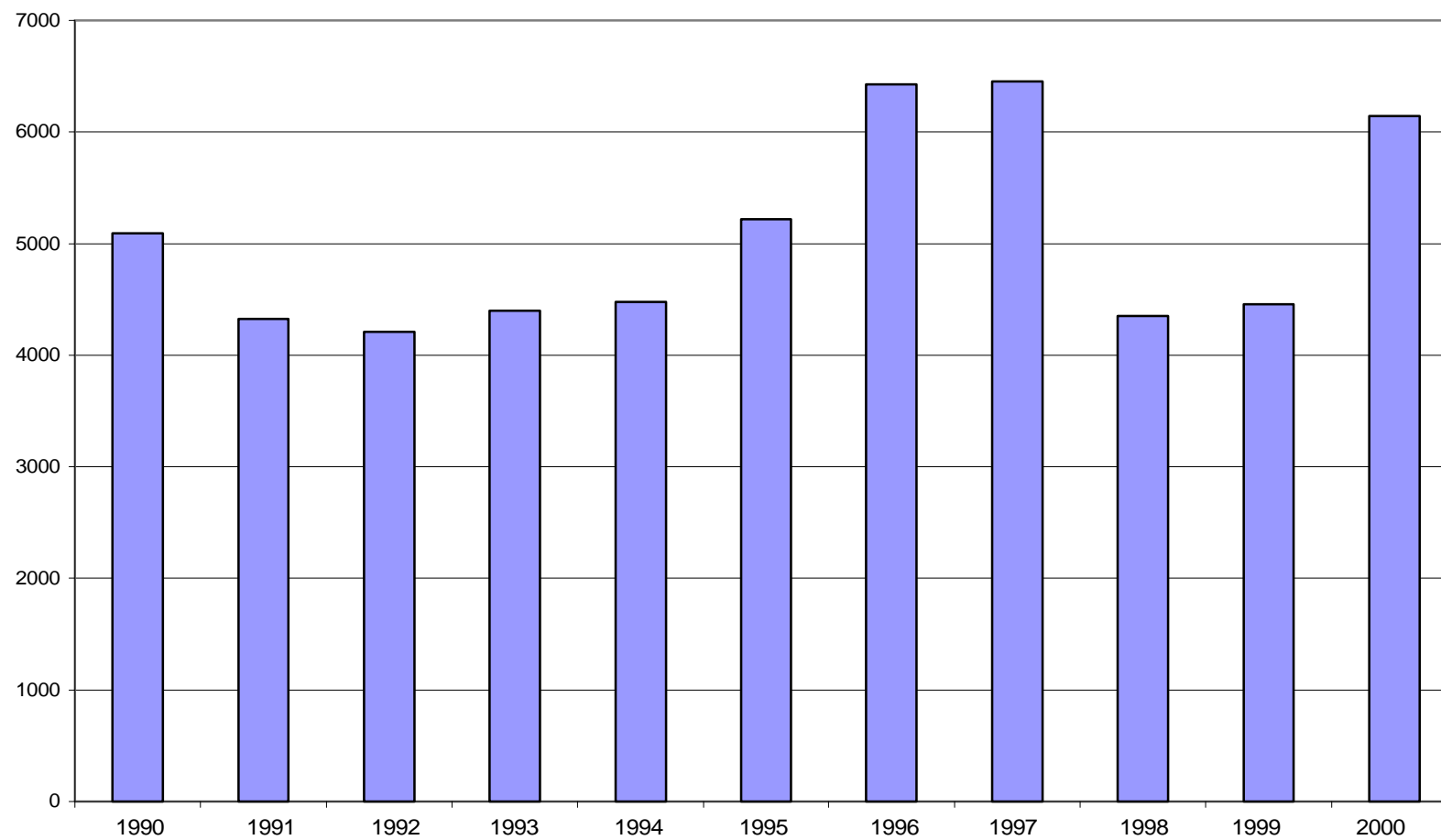
Fonte: Funcex e WEO

Observação; valores de 1999 e 2000 estimados

Gráfico 31: Valor importado dos bens de consumo não duráveis de 1990 a 2000

Fonte: Funcex e WEO

Observação: Valores de 1999 e 2000 estimados

Gráfico 32: Valor importado dos combustíveis de 1990 a 2000

Fonte: Funcex e WEO

Observação: Valores de 1999 e 2000 estimados

VI. Conclusões.

Este capítulo destina-se a uma síntese dos capítulos anteriores, contendo os principais resultados e observações do trabalho. A monografia teve como tema a maxidesvalorização do real: a forma como se deu, suas conseqüências e perspectivas no que concerne à balança comercial.

A implementação do Real usou como uma de suas bases uma moeda apreciada, que assim foi mantida por um longo período. As crises asiática e russa tornaram o contexto mundial recessivo, tendo aumentado as pressões sobre o câmbio brasileiro, que em janeiro de 1999 veio a sofrer uma maxidesvalorização após a adoção de um regime flutuante. A priori, esperou-se que a balança comercial de 1999 obtivesse um superávit de 11 bilhões. Todavia, as estimativas de setembro apontam para um déficit de 1.0/1.5 bilhões. Exercícios foram realizados a fim de explicar o porquê de tamanha discrepância.

Simulações com o quantum exportado de janeiro a setembro de 1999 combinados com preços para todos os anos da década de noventa, média de preços para cada mês na década e um preço médio único para o período foram desenvolvidas e comparadas com o valor exportado efetivo em 1999 (ver gráficos do capítulo IV.1). A análise destes gráficos deixa transparecer claramente que o desempenho das exportações teria sido bem mais proveitoso se ocorrido em outro contexto, que não o atual: um tanto recessivo. Por exemplo em 1997 teria gerado um valor total exportado de 42,4 bilhões ao invés dos 34,8 encontrados em 1999 para os meses de janeiro a setembro. É iminente que a desvalorização teve amplo efeito sobre as exportações, e que se o valor exportado está

longe do esperado inicialmente, o quadro mundial atual recessivo e com preços deprimidos dos produtos que exporta, teve larga explicação para tal. Certamente o Brasil teria obtido superávit comercial este ano, fosse outro o nível de preços, quer dizer, se o cenário mundial fosse favorável como em anos passados próximos.

A comparação da maxidesvalorização de 1999 com a ocorrida em 1983 (ver gráficos e tabelas do capítulo IV.2), ano em que o cenário externo também era recessivo, deixa transparecer que o quadro externo encontrado em 1999 é pior que o de 1983. Em ambos os casos, os gráficos mostram que o efeito sobre o valor exportado seria superior se a desvalorização tivesse se passado em anos anteriores, quando o cenário mundial não era perverso como nos anos das desvalorizações. Tais resultados foram obtidos com exercícios que combinavam o quantum do ano em que ocorreu a desvalorização com preços do ano anterior e com preços da média dos últimos cinco anos anteriores a cada desvalorização, comparando-os com o valor exportado efetivo no ano de cada desvalorização. A análise destes gráficos e tabelas, mostra que a diferença entre o valor exportado efetivamente e aqueles obtidos nos exercícios com outros níveis de preços é superior em 1999, ou seja, o quadro enfrentado em 1999 é mais recessivo em relação aos anos precedentes à desvalorização que em 1983. Desta forma, pode-se concluir que os efeitos da desvalorização sobre as exportações em 1999, foi em grande parte prejudicado pelos baixos preços gerados pela recessão de amplitude mundial.

Diante das novas estimativas consensuais no mercado e perante o governo, o capítulo V destina-se à elaboração de perspectivas quanto à balança comercial (as formas de cálculo utilizadas estão minuciosamente explicadas no referente capítulo). Para o ano de

1999 as exportações totalizariam 49,210 bilhões e as importações 50,771 bilhões, resultando em déficit de 1,561 bilhões. No que se refere ao ano 2000, o quadro mudaria passando a ser superavitário. Tem-se em mente que os efeitos da desvalorização sobre o quanto exportado será mais fortemente notado em 2000, com elevado crescimento. Em relação ao quantum importado, o efeito da desvalorização teve enorme impacto este ano, já atingindo seu nível mínimo, voltando a subir em 2000 então, mas a taxas bem mais modestas que as das exportações. Quanto aos preços, espera-se que tanto os das exportações quanto os das importações aumentarão, em função de um contexto internacional em recuperação, isto é, já minando o cenário recessivo. Desta forma estima-se que as exportações alcançarão 58,908 bilhões (crescimento de 19,7% em relação a 1999) e que as importações atingirão 54,014 bilhões (valor 6,4% superior a 1999), gerando um superávit de 4,894 bilhões.

À guisa de conclusão, pode-se afirmar que a desvalorização do Real exerceu considerável influência sobre as exportações, na medida em que o câmbio real é um dos principais determinantes das exportações, e o resultado da balança comercial não foi melhor devido às recentes crises econômicas internacionais que deprimiram em muito os preços, tendo-o sido caso o cenário externo fosse outro que não o adverso enfrentado, conforme demonstrado nos exercícios com outros níveis de preço. Estima-se que o impacto da desvalorização sobre as exportações seja mais evidente em 2000, com as exportações crescendo tanto mais que as importações, de sorte que o Brasil volte a ser superavitário na balança comercial.

VII. Referências Bibliográficas.

Funções de exportação do Brasil: estimativas para os principais mercados; Afonso Henriques Borges Ferreira

Uma equação para as exportações brasileiras de produtos manufaturados; Eliana Cardoso e Rudiger Dornbush

A instabilidade dos parâmetros nas equações de exportação brasileiras; Marcelo S. Portugal

Funções de oferta e de demanda das exportações de manufaturados no Brasil: estimação de um modelo simultâneo; Helson C. Braga e Ricardo A. Markwald

Exportações brasileiras de produtos manufaturados: uma avaliação econométrica para o período 1964/84; Sandra Maria C. Polônia Rios

O crescimento das exportações brasileiras de manufaturados, 1954-1974; Maurício Barata de Paula Pinto

Macroeconomic Coordination and Commercial Integration in Mercosur- texto para discussão no. 378 do departamento de economia, PUC-RIO; Afonso S. Bevilaqua

Boletim FUNCEX de comércio exterior

Direction of trade statistics

Boletim de acompanhamento macroeconômico- agosto 1999

World Economic Outlook

Macroeconomia; Rudiger Dornbush e Stanley Fischer

Macroeconomics; Abel e Bernanke

Macroeconomics; Olivier Blanchard

International Economics: Theory and Policy; Paul R Krugman e Maurice Obstfeld

